

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

LUIZ ALBERTO DAS NEVES MARCHIORI

**Macellum em Léptis Magna (14a.C. – 211 d. C.): Observações a partir da
paisagem, arquitetura e epigrafia.**

GUARULHOS

2021

LUIZ ALBERTO DAS NEVES MARCHIORI

Macellum em Léptis Magna (14a.C. – 211 d. C.): Observações a partir da paisagem, arquitetura e epigrafia.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau em Mestre em História.
Orientador: Prof. Dr. Gladson Jose da Silva
Coorientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco.

GUARULHOS

2021

MARCHIORI, Luiz Alberto das Neves

Macellum em Léptis Magna (14a.C. – 211 d. C.): Observações a partir da paisagem, arquitetura e epigrafia./ Luiz Alberto das Neves Marchiori – Guarulhos, 2021.

75 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2021.

Orientador: Gladson Jose da Silva.

Coorientador: Gilberto da Silva Francisco

Título em inglês: Macellum in Léptis Magna (14 BC – 211 AD): Observations from the landscape, architecture and epigraphy.

1. História Antiga. 2. África Romana. 3. Epigrafia. 4. Arquitetura. 5. Léptis Magna

LUIZ ALBERTO DAS NEVES MARCHIORI

Macellum em Léptis Magna (14a.C. – 211 d. C.): Observações a partir da paisagem, arquitetura e epigrafia.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau em Mestre em História.
Area de concentração: História Antiga

APROVADO EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Glaydson José da Silva Instituição: Universidade Federal de São Paulo
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dra. Tais Pagoto Bélló Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Jorge Elices Ocón Instituição: Universidade Federal de São Paulo
Julgamento: _____ Assinatura: _____

LUIZ ALBERTO DAS NEVES MARCHIORI

Macellum em Léptis Magna (14a.C. – 211 d. C.): Observações a partir da paisagem, arquitetura e epigrafia.

Trabalho de História Antiga apresentado à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau em Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Glaydson Jose da Silva.

Coorientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

Aprovado em: _____ de 2021

Professor Dr. Glaydson José da Silva
Universidade Federal de São Paulo

Professor Dra. Tais Pagoto Bélló
Universidade de São Paulo

Professor Dr. Jorge Elices Ocón
Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não foi feito apenas por mim, ele possui, direta e indiretamente, muitas mãos e influências que ajudaram a construir esta dissertação. Acima de todos, primeiramente a Deus, por ter me dado saúde nesta pandemia para que pudesse continuar minha dupla jornada de estudante e trabalhador e, mesmo com todo o mal que aflige hoje o mundo, graças a Deus, as pessoas ao meu redor ficaram saudáveis. Agradeço ao meu orientador professor Dr. Glaydson Jose da Silva por ter me auxiliado desde o início do mestrado, quando mesmo sabendo da minha dificuldade de horários por conta de ter um trabalho regular, me aceitou de bom grado como orientando, sendo seus apontamentos fundamentais para o desenvolvimento do texto. Agradeço imensamente também ao professor Dr. Gilberto da Silva Francisco, por ter aceitado a empreitada de me auxiliar com seus apontamentos na reta final, pois, sem estes apontamentos tenho certeza absoluta de que não conseguiria terminar a escrita desta dissertação de uma forma tão bem apresentada. Ambos os orientadores foram fundamentais nesta empreitada, pois ambos ajudaram nas indicações de leituras, busca de textos e sugestões de caminhos para que essa dissertação fosse concluída.

Agradeço a uma pessoa muito especial que é minha esposa, Mayara Marqui, sem você este trabalho sequer existiria. Devo tudo a você, se hoje sou o que sou, como pessoa, historiador e afins, devo a ti. Você auxiliou-me nas traduções de obras fundamentais neste trabalho, sugeriu, arrumou, criticou e principalmente me deu força quando parecia que não conseguiria mais e incentivou a sempre estudar não importasse o dia, a hora e o local. Agradeço a paciência de diversas vezes me aturar chegando tarde e ficando até mais tarde ainda estudando sem estar presente em diversos momentos de nossas vidas. Amo-te eternamente.

Agradeço a meu caro e eterno amigo Américo Alfonso Polichetti, que diretamente me auxiliou a montar o projeto em diversas noites após o expediente, além disso, fez diversas reuniões para rever, palpar, ler, reler, sugerir, arrumar e criticar este trabalho. Agradeço também a Rosávio de Lima Silva e Danylo de Almeida Ferrenha que, juntos com o Américo, foram companheiros fiéis durante toda a jornada da graduação, cujo convívio, nas reuniões de trabalho, nos nossos encontros na casa do Américo e em todos os outros encontros que tivemos, foram, sem sombra de dúvida, um aprendizado crucial para meu desenvolvimento acadêmico, me mostrando o quanto podemos ir longe juntos.

Agradeço *In memoriam* a meu pai Paulo, que mesmo nunca sendo o sonho dele me ver como historiador, sempre foi um apoiador. Levou-me no primeiro dia da graduação para que eu pudesse fazer matrícula na universidade, passou os primeiros seis meses da graduação indo me buscar todos os dias pela dificuldade imposta em chegar em casa de transporte público. Este e minha mãe Gracinda sempre ensinaram a mim e a minha irmã Karina que acima de tudo e de todos devemos ser honestos e dignos. Ambos trabalhavam das sete da manhã até altas horas da noite, mas nunca deixaram nada nos faltar. Às vezes faziam sacrifícios que nem sempre podiam para que nós pudéssemos ter tudo o que desejássemos. Tivemos a melhor das educações e também os melhores exemplos de dedicação e valor para nossas vidas. Sei que aí de cima você estará sempre olhando meus caminhos e vendo que mesmo brigando muito contigo, hoje toda minha história lembra você.

Evidentemente que os equívocos existentes neste texto são de minha inteira responsabilidade.

EPÍGRAFE

*“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.
(Marthin Luther King).*

RESUMO

Roma exerceu e ainda exerce influência no imaginário de muitas sociedades. Sua cultura, seu modo de vida, suas leis e visão de mundo ainda são parte constituinte da organização da memória de muitas nações importantes. O processo de expansão empreendido pelos romanos desde pelo menos o século III a.C operou transformações significativas tanto na cultura romana quanto nas culturas com as quais os romanos tiveram contato; esse processo foi percebido, por um longo período, como um processo de sobreposição da cultura romana sobre a cultura dos povos indígenas (o que se denominou posteriormente de romanização), que passivamente tinham incorporado os valores romanos. Novas abordagens historiográficas, nas últimas décadas, têm defendido que as diferentes formas de interação romana com os povos conquistados devem aduzir a um entendimento mais problematizado dos contatos culturais.

Esses contatos têm sido percebidos, comumente, por meio de intercâmbios culturais, muitos deles percebidos através das evidências da cultura material. É, portanto, nesse ponto onde a cidade de Léptis se encaixa. Analiso como esta cidade se modificou com a recente conquista do território pós-guerra púnica e como tanto a elite quanto o universo material observados a partir da arquitetura e das inscrições conviveram neste momento de concessão e negociação entre essas duas culturas vigentes.

Palavras-chave: História Antiga. África Romana. Epigrafia. Arquitetura ; Léptis Magna.

ABSTRACT

Rome exercised and still influences the imagination of many societies. Its culture, way of life, laws and worldview are still a constituent part of the memory organization of many important nations. The expansion process undertaken by the Romans since at least the 3rd century BC brought significant transformations both in Roman culture and in cultures with which the Romans had contact; this process was perceived, for a long period, as a process of overlapping Roman culture over the culture of indigenous peoples (what was called romanization), which had passively incorporated Roman values. New historiographical approaches, in the last decades, have defended that the different forms of Roman interaction with the conquered peoples must lead to a more problematized understanding of cultural contacts.

These contacts have been perceived, commonly, through cultural exchanges, many of them perceived through the evidences of the material culture. It is, therefore, at that point where the city of Leptis fits. I analyze how this city has changed with the recent conquest of the post-Punic war territory and how both the elite and the material universe observed from the architecture and inscriptions lived together in this moment of concession and negotiation between these two existing cultures.

Keywords: Ancient History. Roman Africa. Epigraphy. Architecture; Leptis Magna.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO ATUAL DA CIDADE DE LÉPTIS.	16
FIGURA 2 - MAPA DE LÉPTIS MAGNA MOSTRANDO A LOCALIZAÇÃO DO MERCADO	16
FIGURA 3 - PROPOSTA DE RECONSTITUIÇÃO DE ZONA PORTUÁRIA DE LÉPTIS MAGNA.....	17
FIGURA 4 – MACELLUM DE LÉPTIS MAGNA, VESTÍGIOS DAS RUÍNAS E RECONSTITUIÇÃO PARCIAL DA COLUNATA INTERNA	31
FIGURA 5 - RECONSTITUIÇÃO DO THOLOS DO NORTE E A COLUNATA LATERAL	32
FIGURA 6 - ENTRADA NORDESTE DO MACELLUM	33
FIGURA 7 - DISTÂNCIA ENTRE O PORTO, FÓRUM E MACELLUM	34
FIGURA 8 - PLANTA DO MACELLUM COM OS VESTÍGIOS ATUAIS	35
FIGURA 9 - PLANTA DO MACELLUM DE LÉPTIS MAGNA.....	35
FIGURA 11 - RUÍNAS DO THOLOS DO NORTE DO MACELLUM DE LÉPTIS MAGNA.....	36
FIGURA 12 - RECONSTITUIÇÃO VIRTUAL DO THOLOS DO NORTE	37
FIGURA 13 – RECONSTITUIÇÃO VIRTUAL THOLOS DO NORTE VISTO DO THOLOS DO SUL.	37
FIGURA 14 - RUÍNAS DO THOLOS DO SUL	38
FIGURA 15 - RECONSTITUIÇÃO VIRTUAL DO THOLOS DO SUL	38
FIGURA 16 - FRISO DO THOLLOS DO MERCADO PRESERVADO COM AS INSCRIÇÕES BILINGUES	41
FIGURA 17 - PAREDE EXTERNA SUL-OESTE DO MERCADO DE LÉPTIS COM A INSCRIÇÃO	42
FIGURA 18 - MAPA INDICANDO AS ANTIGAS ESTRADAS DE CONEXÕES DA TRIPOLITÂNIA	43
FIGURA 19 - MAPA DE TINGAD.....	47
FIGURA 20 - MAPA DE DOUGGA OU THUGGA	48
FIGURA 21 - MAPA DE JERASH	48
FIGURA 22 - MAPA DA CIDADE FICTÍCIA DE VERBONIA COMO MODELO ROMANO	49
FIGURA 23 - CAPITEL TOSCANO EM CALCÁRIO NO MERCADO	50
FIGURA 24 - ELEMENTO COMPLEXO EM ARENITO DO MERCADO	51
FIGURA 25 - CAPITEL JÔNICO EM ARENITO DO THOLOS DO SUL.....	51
FIGURA 26 - PILASTRAS CORINTIAS DE CALCÁRIO DO THOLOS DO NORTE	52
FIGURA 27 - CAPÍTEL CORÍNTIO DE COLUNA CALCÁRIA.....	52
FIGURA 28- PILASTRA JÔNICA EM CALCÁRIO DA ENTRADA SUL.....	52
FIGURA 29 - INSCRIÇÃO LATINA COM TERMOS PÚNICOS.....	57
FIGURA 30 - INSCRIÇÃO BILÍNGUE COM TERMO DO LATIM NA INSCRIÇÃO PÚNICA	58
FIGURA 31 - DETALHE DA INSCRIÇÃO ANTERIOR (FIGURA 30) COM TEXTO PÚNICO EM DESTAQUE.....	59
FIGURA 32 - INSCRIÇÃO FRAGMENTADA COM A INSCRIÇÃO LATINA MAIOR QUE A INSCRIÇÃO PÚNICA. FONTE: WILSON (2012, p. 292)	61
FIGURA 33 - MAPA DE LÉPTIS E A ESTRADA QUE LEVAVA PARA O DESERTO	64
FIGURA 34 - MAPA DA CIDADE COM ENTRADA PARA ESTRADA DO DESERTO	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	ÁFRICA ROMANA, LÉPTIS MAGNA E O DISCURSO SOBRE A ROMANIZAÇÃO	15
2.1	A cidade de Léptis Magna e a guerra de Jugurta	15
2.2	O conceito de romanização.....	20
3	MERCADO DE LÉPTIS MAGNA – UM ESTUDO DE CASO	28
3.1	Paisagem	30
3.2	Epígrafia.....	40
3.3	Arquitetura	45
4	RELAÇÃO DE CONTATO ENTRE AS CULTURAS	54
4.1	Epígrafia.....	55
4.2	Paisagem	63
4.3	Arquitetura	66
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da minha curiosidade ao descobrir a cidade de Léptis Magna através de sua suposta destruição pelo Estado Islâmico. Também partiu por conta da monumentalidade das ruínas e, até ali, do meu desconhecimento sobre as cidades romanas no litoral norte da África. Sempre tive grande vontade de estudar a Arqueologia através do estudo das ruínas, dos vestígios da arquitetura de uma sociedade e seus contextos de formação, a fim de entender as mudanças no tempo da cidade. Pensando sempre nessas questões, ao buscar mais informações destas cidades e também pela falta de muitas informações, surgiu a ideia desta pesquisa.

O tema escolhido foi o estudo da relação de contato por meio da paisagem, arquitetura e epigrafia, no período de II a.C a III d.C. Esse período foi delimitado por conta da queda de Cartago em 146 a.C., quando o Norte da África passou a ser dominado militar e economicamente pelos romanos. O final deste período vai até a morte de Septímio Severo em 211 d.C., contexto na qual a cidade chega ao ápice de seu desenvolvimento e expansão.

Nesta dissertação, nosso objeto é um espaço que apresenta vários nomes: Lepcis Magna, Léptis Magna ou mesmo Neapolis. Trata-se de uma cidade litorânea na parte norte da África banhada pelo mar mediterrâneo. Atualmente seu território faz parte da Líbia, mais precisamente da cidade de Khoms.

Os povos oriundos do continente africano, sobretudo da região do Saara, encontravam em portos do Mar Mediterrâneo pontos para o escoamento de suas mercadorias e aquisição de produtos de outros povos. Muitas foram as cidades que passaram por transformações estruturais a fim de atender aos padrões romanos de construção, ganhando visibilidade e importância, o que significava maior fluxo de comércio e prestígio junto ao Imperador.

Durante muito tempo, seguindo uma visão construída a partir de textos latinos, a história tendeu a ignorar a influência cultural local ante a dominação romana na costa africana. Essa tendência foi fortemente influenciada pela historiografia europeia do século XVIII a meados do século XX, e esteve ligada à ideia de legitimar a conquista imperialista europeia na África. Após a década de 1960, com a mudança de perspectiva e os movimentos de independência das colônias africanas, as perspectivas da historiografia mudam, na busca de afirmação de uma história da

resistência social e cultural dos povos nativos, buscando, assim, refletir sobre dinâmicas de assimilação, ajustamento, conflito, negociação e contato.

Para isso, foi necessária uma série de descobertas epigráficas, arquitetônicas e arqueológicas pois, se as fontes literárias são muito ricas para a época das Guerras Púnicas e para o fim da República, elas são mais raras para o período imperial, exceto no que se refere aos textos cristãos a partir do século III d.C. Mesmo com a conquista romana após a terceira Guerra Púnica, são encontradas inscrições em púnico em monumentos públicos, sobretudo em espaços comuns, como o mercado, o templo e o fórum, sendo possível comprovar a sobrevivência do Púnico até o século IV d.C.

Através destas inscrições entende-se um pouco mais das relações sociais da elite local e a busca destes indivíduos através do evergetismo de poder e relevância perante o imperador. Além das inscrições, iremos analisar as modificações arquitetônicas e também questões da paisagem para entender todas as influências sobre esses monumentos e, assim, fazermos uma ligação do contexto com a análise da arquitetura.

Com isso, será elaborado um estudo de caso no *macellum* de Léptis Magna analisando as inscrições em pedra, as mudanças arquitetônicas do edifício e também sua posição de instalação como forma de análise, para entender um pouco mais as modificações das estruturas e o sistema social da cidade, bem como suas transformações no decorrer do tempo por meio da cultura material citada acima.

2 ÁFRICA ROMANA, LÉPTIS MAGNA E O DISCURSO SOBRE A ROMANIZAÇÃO

Nesta seção, iremos fazer uma breve explanação do que foi a fundação da cidade de Léptis Magna. Contaremos como a cidade se comportou após 146 a.C. com a queda de Cartago, durante a guerra Jugurtina, quais foram as consequências desta guerra para a cidade e o porquê desta cidade africana litorânea ter gerado tanto interesse para os romanos. E, os interesses da elite local em modificar e adaptar suas antigas estruturas - trazendo maior prestígio e um maior fluxo de comércio para a cidade. Apontaremos também para o evergetismo, termo cunhado por Paul Veyne (1994) referente às obrigações que os membros das ordens mais abastadas das cidades tinham em relação às suas cidades. Era esta elite que organizava os espetáculos e que favorecia a construção de edifícios públicos. Em troca, garantiam para si os benefícios e as honrarias de serem os patronos da cidade. Segundo Norma Musco Mendes (2002) o sistema político do império romano do ocidente era um modelo de colapso, e a prática do evergetismo foi muito utilizada pelos romanos como forma de controle através dos deveres em relação ao funcionamento da cidade e manutenção da ordem pública. Além disso, trazemos o debate sobre o conceito de romanização na construção da história da África em contato com os romanos pela historiografia atual e suas novas formas de abordagem do conceito.

2.1 A cidade de Léptis Magna e a guerra de Jugurta

Léptis Magna foi uma cidade africana localizada no litoral mediterrâneo (ver figura 1). As informações sobre sua fundação nas fontes são contraditórias. Salústio, na *História da Guerra Jugurtina* (1,26), afirma que a fundação da cidade foi feita pelos sidônios, provenientes da Fenícia, fugindo de uma guerra civil. Já Plínio (19, 76), e também Sílio Itálico (3, 256), assumem que Léptis Magna foi fundada por Tiro. Segundo Salústio (1,26), o povo se estabeleceu entre duas enseadas marítimas, permitindo, assim, maior contato com o Mar Mediterrâneo tendo, durante todo ano, uma brisa constante que transformou o território numa agradável região. (Salustio, 1,26; Plínio, 19,76; Sílio Itálico 3, 256)



Figura 1 - Localização atual da cidade de Léptis.
Fonte: Brewminate¹



Figura 2 - Mapa de Léptis Magna mostrando a localização do mercado
Fonte: Aznar (2007)

¹ Disponível em: <https://brewminate.com/timgad-and-leptis-magna-roman-art-and-architecture-in-northern-africa/> Acesso em 22 de abr. 2021.



Figura 3 - Proposta de reconstituição de zona portuária de Léptis Magna

Fonte: Temehu²

Segundo Ana Teresa Marques Gonçalves (2002), os sidônios se estabeleceram primeiramente na ponta da península, que teria uma leve elevação do terreno, permitindo-lhes observar os campos em volta; garantindo, assim, uma situação de defesa no caso de um ataque, além de mantê-los próximos ao mar. (Gonçalves, 2002, 15)

A língua dos povos fenícios no ocidente era chamada de púnico, forma esta como foi denominada pela historiografia antiga para as línguas fenícias do Mediterrâneo Ocidental. Durante a antiguidade, a cidade de Léptis Magna obteve diversos nomes, como podemos ver em Estrabão na obra Geografia (17.3.18), que nomeia a cidade como Léptis Magna, Lepcis Magna ou mesmo Neapolis. (Estrabão, 17,3,18)

Segundo Salústio (1,26), na obra Guerra Jugurtina, com a queda de Cartago em 146 a.C., o norte da África ficou sob domínio romano e númida. O rei númida, Micipsa, que apoiou Roma na segunda Guerra Púnica, teve dois filhos, Hiempsal I e

² Disponível em: https://www.temehu.com/Cities_sites/LeptisMagna.htm. Acesso em 04 de dez. 2020.

Aderbal, e cuidava também do filho de seu irmão Manastabal, Jugurta, que sempre teve o mesmo tratamento que seus filhos. Este, por ser popular entre os númidas, ameaçava o poder de Micipsa, que, com medo da popularidade e poder que Jugurta tinha, encaminhou-o para a Guerra da Numância como auxílio aos Romanos. Micipsa pensava que Jugurta encontraria a morte nesta guerra, mas, segundo Salústio (1,30), com sua engenhosidade e com a liderança de Cipião, Jugurta alcançou prêmios e louvores perante os romanos. Logo após a morte de Micipsa, Hiempsal e Aderbal herdaram os territórios da Numídia, deixando Jugurta de fora. Jugurta se sentiu traído e tramou contra eles junto de um servidor público muito próximo deste e que tinha acesso ao local onde Hiempsal pernoitava. À noite, Jugurta e um destacamento invadiram o local e trouxeram a cabeça de Hiempsal I. Em seguida, uma guerra civil entre Jugurta e Aderbal aconteceu, na qual Aderbal foi derrotado. Aderbal solicitou auxílio de Roma; e Jugurta, com medo de Roma se virar contra ele, mandou uma caravana com ouro e prata para comprar os senadores e obter apoio destes. O senado, então, dividiu as terras da Numídia. (Salústio, 1,30)

Mesmo com a intervenção romana, Jugurta não aceitou essa divisão e novamente atacou Aderbal, que foi executado por Jugurta junto de seus apoiadores italianos. Em 112 a.C., por conta da execução dos apoiadores italianos, Roma decretou guerra contra Jugurta. Esta batalha ficou conhecida posteriormente como Guerra de Jugurta ou Guerra Jugurtina. Jugurta, após alguns anos de batalha, foi derrotado e perdeu o poder para seu sogro, Boco I, e seu meio-irmão Gauda. (Salústio, 1,30)

Em sua obra, Salústio (76, 149) esclarece que, antes mesmo da dominação romana, o território de Léptis Magna já sofria influência do povo númida e, mesmo sob esta dominação, somente a língua foi alterada por conta do comércio. Tanto as leis quanto os costumes foram mantidas em Léptis Magna, pois a cidade se situava longe dos domínios do rei e a Numídia tinha extensas regiões de deserto em seu território. (Salústio, 76,149)

Neste período, percebe-se, segundo Marcel Benabou (1973) em *La résistance africaine à la romanisation*, um grande interesse por parte dos romanos quanto à riqueza africana de Léptis, sobretudo a produção agrícola, o que irá estimular Júlio César a desenvolver políticas maleáveis para o controle da cidade (Benabou, 1973, 10).

Esta forma de controle maleável apresentada por Mazzimiliano Munzi (2010) nos demonstra que, com o apoio de Léptis aos númidas na Guerra Jugurtina, a cidade foi penalizada a pagar anualmente, pelo auxílio concedido na guerra com três milhões de litros de azeite em 46 a.C.; ainda assim, os costumes locais permanecem basicamente poucos alterados (Munzi, 2010, 48-80)

Segundo Claude Lepelley (2016), Léptis Magna era dominada por uma elite muito rica e poderosa, devido à riqueza agrícola do cultivo de oliveira e trigo que tornara esta cidade uma das maiores produtoras de azeite e trigo da África (Lepelley, 2016, 419 – 437).

Em 27 a.C., com a atribuição do título de Augusto a Otávio, sobrinho-neto e filho adotivo de Júlio César, inicia-se o período do Principado. Neste período, a elite local passara a buscar estímulos culturais a partir de Roma e da Península itálica, representados por novos modelos arquitetônicos como o Fórum, o Teatro, o *Macellum* e o Anfiteatro, com a realização de muito mais que um simples renascimento de modelos de ambiente italiano, em particular da Magna Grécia e da Sicília, ou mais geralmente um modelo arquitetônico helenístico comum no Mediterrâneo.

Segundo Jessica Schnugg (2017), a cidade não atendia à necessidade do Imperador, e este queria deixá-la ao seu gosto, do tamanho e dignidade que Roma, como a potência imperial, deveria ter. Para isso, uma série de obras foram feitas com o intuito de melhorar a vida na capital, também visando o controle da plebe. Essas modificações, segundo a autora, encontraram apoio da população local, visto que o Imperador estava interessado em renovar e melhorar as estruturas antigas, mantendo assim o *Mos Maiorum*³ (Schnugg, 2017, 48-49)

Schnugg (2017) nos informa que, após a implementação de mudanças propostas pelo imperador, as cidades mais afastadas da Península Itálica foram autorizadas a implementar mudanças e as elites poderiam contribuir com a construção de edifícios públicos. Muitas foram as cidades como Cesareia ou mesmo Cartago que passaram por transformações estruturais a fim de atender aos padrões romanos de construção, ganhando visibilidade e importância - o que significava maior fluxo de

³ Como descreveu Ana Teresa Marques Gonçalves em seu artigo intitulado Lei e Ordem na República Romana: uma análise da obra de *Legibus De Cícero*, nos primeiros séculos da história de Roma o poder era guardado por meio de um círculo de sacerdotes, o chamado colégio dos pontífices. Esses sacerdotes eram os que cuidavam dos assuntos públicos. Consequentemente, eram esses homens os responsáveis pela interpretação e aplicação das leis, mas sempre se baseando nos costumes ancestrais, ou seja, o *Mos Maiorum* (GONÇALVES, 2002, p. 125-148).

comércio e prestígio junto ao Imperador. Uma destas cidades foi Léptis Magna, localizada às margens do Mediterrâneo, situada na atual Homs, parte leste da cidade de Trípoli (Schnugg, 2017, 49)

Essa autorização dada pelo imperador estava de acordo com a intenção das elites locais, que tinham o interesse de se tornarem parte da Ordem Equestre romana, incentivando o evergetismo, que seria, no mundo clássico, uma forma de oferecer presentes à comunidade de forma aparentemente desinteressada, mas, com isso, buscando reconhecimento público e, em consequência, algum tipo de poder ou mesmo influência. Normalmente, o aumento da intensidade do evergetismo é observado pelo aumento de inscrições em edifícios públicos como dedicatórias para o financiador como iremos verificar no próximo capítulo.

O imperador romano colocava ênfase na mudança e adaptação da arquitetura local, não eliminando-as, mas renovando-as e melhorando-as. É possível perceber um impacto significativo, sobretudo no que concerne ao interesse da elite local em elevar a cidade ao patamar de Roma e das demais cidades do Norte da África.

Essa elite não foi privada de seus bens nem de sua autoridade. Logo, integrar-se ao império e manter laços estreitos com Roma era importantíssimo para o comércio e o próprio fortalecimento da cidade. Essa aristocracia tinha nomes púnicos, mas, gradualmente, foi adotando nomes latinos, sendo assim aceitos perante os romanos e conseguindo maior poder de decisão em sua cidade e na cidade de Roma.

Kenneth D. Matthews Junior (1957), em seu texto *Cities in the Sand*, afirma que é exatamente desta aristocracia que o Imperador Septímio Severo veio. Segundo o autor, há inscrições que apontam que o avô de Septímio Severo foi sufete, ou seja, magistrado púnico da cidade, e presidiu, sob Trajano, a transformação de sua cidade em colônia romana honorária (MATTHEWS, 1957, 20).

2.2 O conceito de romanização

De acordo com David Mattingly (1987), em *Libyans and the limes*, os romanos não estavam tentando impor um complexo cultural, mas, certamente, a implementação do sistema urbano e, do governo local, seguiu um modelo aprovado pelos romanos. Ainda, o latim se tornou língua oficial, havendo a adoção dos nomes de alguns líderes da elite local para essa língua. Diferenças religiosas foram resolvidas através da adaptação dos deuses locais para os deuses do panteão romano. Os

gostos romanos foram incentivados através da economia focada nas cidades e o crescimento do comércio. A cultura romana foi chamada, segundo o autor, de “complexo cultural romano-africano”, com influências púnicas e líbias (MATTINGLY, 1987, p. 72-74).

Segundo Andreas Lagaard (2008), em *Carthage and Lepcis Magna a comparative study of the Romanization and the Libyphoenician survival of the two leading cities of Africa Proconsularis* a tradição da escrita na língua púnica foi mantida. A influência romana era experimentada nos centros urbanos por conta da elite, sendo os indivíduos deste grupo os praticantes dos costumes estrangeiros e, quanto maior fosse o apoio dos espaços urbanos desta região, maior seria o impacto cultural (Lagaard, 2008, 20).

Segundo Lagaard (2008), embora mantivessem a língua púnica com certa influência romana, a influência de outras culturas se mantivera, por exemplo, da cultura grega, egípcia ou até mesmo a cultura local a partir dos fenícios e líbios. Além da língua, podemos ver essa influência do evergetismo em algumas construções; mais especificamente, no estilo arquitetônico implementado. Com o processo de urbanização de regiões do Norte da África em andamento por influência de Augusto, o que propiciava a entrada de produtos africanos nos mercados do mediterrâneo, o imperador implementou a criação de novas colônias por meio da expropriação de uma boa parte de terras, a aplicação da lei romana e a demarcação dos arranjos cadastrais romanos. Isso ensejou a movimentação considerável de colonos italianos para a região, transformando, assim, as vidas dos berberes, de uma paisagem vagamente unida e heterogênea de seu povo, para cidades urbanas tão previsíveis quanto suas estruturas sociais (Lagaard, 2008, 21).

Houve uma intensificação do comércio, tendo como porta de entrada os portos e a saída de recursos com o incremento da produção agrícola como o azeite, grãos e de vinho, além do fato de chegarem às cidades diferentes tipos de materiais construtivos na forma de lastro dos navios. Estes eram deixados em território africano para que os navios pudessem levar as cargas agrícolas, além da migração de muitos colonos italianos para o norte da África. Todo este processo fez com que houvesse uma modificação das técnicas construtivas dos locais públicos e privados, sendo adotados, sobretudo, hábitos romanos, mas, sem que houvesse, de fato, uma imposição absoluta, ou mudança significativa das relações sociais dos povos que ali praticavam o comércio. Segundo Schnugg (2017), as modificações na cidade e nos

edifícios públicos seguem o evergetismo vigente na época de Augusto, tentando assim trazer popularidade para a elite local (Schnugg, 2017, 16).

De acordo com Fúlvia Bianchi (2005), em *La decorazione architettonica in pietra locale a Leptis Magna tra il I e il II sec. d.C.: maestranze e modelli decorativi nell'architettura pubblica*, a complexidade do estudo arquitetônico se dá principalmente pela falta de trabalhos analíticos sobre o assunto, e também pela reestruturação das cidades e mudança de suas estruturas do calcário para o mármore. Mas a autora salienta que Léptis é um local privilegiado de observação pelos vestígios que se mantêm até hoje (Bianchi, 2005, 237).

A análise do conjunto arquitetônico em pedra dos principais edifícios de Léptis e de alguns artefatos do período imperial oferece uma contribuição valiosa, (juntamente com os dados epigráficos dos monumentos) para a identificação não apenas do estilo e cronologia das construções, mas também das informações construtivas e até mesmo da política e sociedade.

Segundo Julia Nikolaus e Niccolò Mugnai (2017), na introdução do livro *De Africa Romaque, Merging cultures across North Africa*, no Norte da África, em especial em Léptis Magna, foram desenvolvidas uma série de estruturas políticas, sociais e culturais que se tornaram complexas e emaranhadas com as estruturas trazidas pelos romanos. Essa caracterização está em debate, havendo autores defendendo que jamais existiu, entre as populações norte-africanas, categorizações entre o que era herança púnica, fenícia, númida ou mesmo romana.

Durante muitos anos, a partir da visão trazida nos textos latinos, a história tendeu a ignorar a influência cultural local ante a dominação romana na costa africana. Essa tendência foi fortemente influenciada pela historiografia europeia do século XVIII a meados do século XX, a fim de legitimar a conquista imperialista europeia na África.

Segundo Renata Senna Garraffoni (2005), no final do século XVIII e início do XIX, surge na Itália uma preocupação de preservar os monumentos romanos, inserida num contexto mais amplo: a necessidade de construir uma identidade nacional; embora essa instrumentalização da história do império romano e sua cultura material na definição de identidades nacionais não tenha sido uma característica exclusiva do pensamento nacional italiano.

Assim, em uma época de unificação política e criação de identidades nacionais, somada à expansão e ao neocolonialismo, abriu-se espaço para que os intelectuais do período voltassem sua atenção para o estudo do passado. Nesse contexto, Roma

foi revisitada e teve papel fundamental para a formação do conceito de “romanização”. Richard Hingley (2005) destaca a questão de que a romanização é uma construção dos tempos modernos - essa terminologia não foi cunhada pelos autores clássicos e não faria sentido naquele contexto cultural.

Mas é a partir de Theodore Mommsen (1874), e outros historiadores do século XIX e início do XX, que os grandes estudos sobre Roma foram realizados. Segundo Norma Musco Mendes (2007), essa tendência de pesquisa foi desenvolvida por Theodore Mommsen (1874) e Francis J. Haverfield (1905), na qual ambos construíram a ideia de que os padrões culturais romanos eram considerados mais avançados e progressistas. Esta perspectiva estava baseada na oposição básica entre civilizados e primitivos. Mommsen (1874) faz em alguns trechos de sua obra, “História de Roma”, referências positivas ao Império inglês, salientando também o momento que este escreve - durante um projeto político de expansão britânica na África.

Seguindo esta tendência, David Cherry (1998), em “Frontier and Society in Roman North Africa”, contribuiu com esta definição de romanização, e afirmou que não se pode negar que havia uma matriz cultural romana identificável.

Hingley (2005) demonstra a conexão entre o mundo antigo e moderno e como esse processo, ao buscar por continuidade com a política moderna, influenciou as avaliações acadêmicas sobre a conquista romana e a romanização, desconsiderando as especificidades do passado, empobrecendo-o. Segundo Belchior Monteiro Lima Neto (2014), o conceito de romanização se relacionaria a um processo em que o outro se civilizava na medida em que se tornava romano. Argumento este que se associava ao próprio discurso imperialista europeu da época, pois, assim como os romanos levaram a civilização aos povos primitivos conquistados, os ingleses, franceses, italianos e alemães, seus ‘descendentes’, também teriam como corolário a missão de proporcionar ‘civilização’ aos povos por eles subjugados.

Não somente os trabalhos acerca do período e do início do período republicano foram influenciados por esta lógica, como os trabalhos que estudavam as províncias e as regiões de contato romano com os povos locais também foram utilizados para fundamentar esta visão apresentada pelos autores anteriores. Neste período, passou-se a apresentar Roma como ente civilizador que traria, com a dominação, a salvação da barbárie em que os povos locais se encontravam.

Neste processo de retorno à Antiguidade, a História e a Arqueologia tiveram atuação decisiva. Ao se profissionalizarem, estas disciplinas passaram a ter o estatuto

de autoridade científica. Num período de intensos investimentos científicos, os esforços dos classicistas multiplicaram-se, desenvolvendo vários métodos para a elaboração de interpretações objetivas do passado.

Sïan Jones (1997), ao fazer sua abordagem sobre a romanização, citou Champion (1975) alertando, em sua análise, que “*os arqueólogos muito prontamente construíram uma cultura de nada mais do que um único tipo de cerâmica, e invocaram uma interpretação étnica para a sua distribuição*” (Jones, 1997, 127). O paradigma de que os povos pré-históricos migrariam constantemente justificou interpretações migracionistas e difusionistas. Jones prioriza os pressupostos da cultura material ao afirmar que essa ideia continuou influenciando a Arqueologia no sentido de interpretar os objetos recuperados sob uma ótica onde similaridades indicam proximidades sócio-espaciais e diferenças significam distanciamento – o que levou ao pressuposto da cultura e identidade como algo homogêneo.

Segundo Noberto Luiz Guarinello (2010), esta perspectiva acaba sofrendo diversas críticas a partir da década de 1960, contexto de um “*cultural turn*”, com a polarização do mundo na Guerra Fria, também por conta de diversos movimentos de independência das antigas colônias da África e movimentos de independência na Índia e na Ásia com a perda da hegemonia europeia perante o mundo.

No campo Intelectual, podemos ver uma crescente de intelectuais que buscaram criticar a perspectiva colonialista, valorizando a perspectiva dos explorados. Um dos importantes intelectuais deste processo é Edward Said com sua obra *O orientalismo* (1978), que trata da invenção do Oriente pelo Ocidente. Said foi um dos responsáveis pelo debate da identidade para o campo das Ciências Humanas. O autor buscou inverter a imagem eurocêntrica criada pelo século XIX, tratando do assunto de forma multidisciplinar (Said, 1978).

Com a onda crítica ao conceito de romanização, muitas pesquisas se voltaram para temas como a resistência social e cultural dos povos nativos, buscando, assim, refletir sobre dinâmicas de assimilação, ajustamento, conflito, negociação e contato; em muitos casos, dialogando com os movimentos identitários como o movimento estudantil Europeu, e movimentos por direitos civis nos Estados Unidos da América, que contribuíram para uma nova visão do conceito de Identidade cultural. Segundo Bruno dos Santos Silva (2013), a identidade nacional seria substituída pelas identidades cultural, tribal, étnica, familiar, subjetiva e tantas outras possíveis.

E, para isso, foi necessária uma série de descobertas epigráficas e arqueológicas pois, se as fontes literárias são muito ricas para a época das Guerras Púnicas e para o fim da República, elas são mais raras para o período imperial, exceto no que se refere aos textos cristãos, a partir do século III d.C.

Martin Millet (1990) e Greg Woolf (2014) buscaram, em suas análises, apresentar fontes mais independentes, com menor influência do imperialismo, pensando o processo de romanização como uma síntese cultural de resposta da elite local à dominação. Ambos apresentam o apoio da elite local através da adoção de costumes e a própria cultura material como indício da manutenção da ordem social. A diferença entre ambos se estabelece no fato de Woolf (2014) vislumbrar um projeto de expansão a partir de Augusto, enquanto Millet (1990) observa uma política externa de Roma através de alianças e um projeto das elites locais de adotar hábitos romanos com a finalidade de manterem o controle social da região (MILLET, 1990, 35-41; WOOLF, 2014, 45-50).

Para Louise Revell (2009), há um discurso propagado por Roma através da arquitetura das cidades e do culto ao Imperador. Ela entende que estudar os espaços sociais dá pistas de como era a experiência de “ser romano” (Revell, 2009, 21):

As estruturas do imperialismo romano, como a religião, o urbanismo e o culto imperial, encontravam-se na rotina diária da população das províncias, e, através dessas atividades, eles compartilhavam um amplo discurso imperial de como a vida romana deveria ser vivida” (REVELL, 2009, p.193, tradução nossa).⁴

David Mattingly (1997) observa que a pretensão dos romanos na África possibilitou o surgimento de oportunidades de enriquecimento para uma parcela da elite provincial. Já Susan Alcock (1997) critica esta noção de sucesso e fracasso pois, segundo seu estudo sobre a região da Acaia, a geografia acidentada e irregular não tinha nenhuma relação com a produtividade do local. O fato foi que a elite teve uma preferência em instalar-se nas vilas e nas cidades em vez de no campo. A autora ainda afirma que a baixa produção agrícola fez com que essas pessoas mantivessem as tradições de seus ancestrais, como por exemplo genealogias locais, devoção à pólis e demarcação clara de fronteiras - aspectos visto por ela como uma clara forma de resistência à presença romana.

⁴ Trecho original : “*The structures of Roman imperialism, such as religion or urbanism, were located within the everyday routines of the people of the provinces, and through these activities, they shared in an empirewide discourse of how a Roman life should be lived.*”

David Mattingly (1987) em seu artigo *Libyans and the 'limes': culture and society in Roman Tripolitania*, discute o norte da África e demonstra que o processo de centralização do poder foi feito primeiramente com a imposição do exército, a divisão política, além do loteamento de terras dadas a pessoas do exército e a italianos vindos para a produção e exportação de produtos para Roma. Com isso, podemos ver a concentração de riquezas na região da Tripolitania com os excedentes que ficavam na região e a sedentarização das tribos nômades. Todas essas questões podem ser vistas como forma para inserir as elites locais na lógica romana.

Precisamos, segundo Claude Lepelley (2016), levar em consideração a longa duração para termos uma visão objetiva da cultura africana romana, uma vez que, embora esse dado possa parecer supérfluo, trata-se de uma evidência muitas vezes esquecida dentre as análises. A África romana pode ter seu início datado de 146 a.C., quando a República anexou o Norte da atual Tunísia, após ter destruído Cartago, e para este trabalho em si finda em 211 d.C., ou seja, no total de três séculos. Trata-se, portanto, de um período considerável da História da África.

Pensando neste período considerável da história do Mediterrâneo, Peregrine Horden e Nicholas Purcell (2000), no livro *Corrupting Sea*, trazem o Mediterrâneo como centro do estudo e não mais como um espaço de trocas (Braudel⁵). Contribuindo com esta ideia, Ian Morris (2005) salienta que é necessário estudar o Mediterrâneo como espaço de integração, mobilidade e conectividade. Para Morris, estudar o Mediterrâneo é pensar em globalização ou, mesmo, Mediterranização. Segundo Silva (2013), este paradigma do Mediterrâneo ainda é muito controverso.

Hingley (2005) nos informa que as recentes publicações estão sendo influenciadas pelas ideias de globalização, propondo uma revisão das perspectivas acadêmicas e o abandono das concepções antigas para que possamos nos desconectar deste passado e sim elaborar uma teoria crítica que evite anacronismos e permita o surgimento de novos caminhos interpretativos (Hingley, 2005, 53).

Considerando as informações apresentadas neste capítulo, podemos verificar que Léptis Magna, desde a queda de Cartago, tem relevância na relação do Norte da África com Roma. Durante aproximadamente cem anos, a cidade esteve envolvida diretamente com diversos eventos importantes como, por exemplo, a Guerra Jugurtina e, até mesmo, o controle da região do Norte da África. Entendendo essas questões

⁵ Comentário citando o termo cunhado por braudel na obra O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II, na qual o autor cita o mediterrâneo como espaço de trocas.

apresentadas pelos diversos autores, é possível compreender de forma mais ampla os caminhos tomados pela historiografia através da idéia da romanização para a construção, estudo e debate da história antiga africana.

Muito embora tenha sido bastante questionado pela historiografia, o conceito de romanização continua em uso. As propostas atuais, críticas à ideia de rormanização conforme o debate anteriormente apresentado, vão desde o conceito de globalização, estudo das identidades, teorias de contato até estudos sobre resistência e negociação.

Minha intenção ao apresentar o debate acima é dialogar com o viés historiográfico pós colonial, partindo da seguinte premissa de Adam Schaff, "a História se reescreve sem cessar". Este autor considera que, partindo de um presente mutável e inserido num contexto de constantes reinterpretações de um mesmo fato histórico, houve também intercâmbios de interpretações e de enfoques teóricos entre estudiosos de casos e períodos muito diversos entre si para, dessa forma, podermos entender melhor o contexto de Léptis Magna neste início do período imperial.

3 MERCADO DE LÉPTIS MAGNA – UM ESTUDO DE CASO

Faremos, neste capítulo, uma análise mais aprofundada do mercado de Léptis Magna. Para tanto, a abordagem escolhida é a observação do mercado a partir dos debates sobre cultura material, que serão apresentados na sequência em linhas gerais, buscando articular os domínios da paisagem, da arquitetura e da escrita a partir da sua materialidade. Buscaremos estabelecer um equilíbrio entre as partes com o intuito de, conforme diz Guarinello (2003), ordenar melhor os pontos visíveis que aparecem na escuridão e no caos do passado (GUARINELLO, 2003, p. 47).

Marcelo Rede (2012), em *História e cultura material*, indica que, para os estudiosos do século XIX, a definição de cultura material era toda sorte de matéria processada pelo ser humano que podia fornecer informações sobre as mudanças da cultura local; entretanto, os estudos dos objetos neste período ficaram marginalizados ao universo dos museus (coleta, classificação e análise do próprio objeto) com a função simplista de tornar visível e tangível a superioridade europeia e, posteriormente, americana - herdeira direta de grandes civilizações de outrora como gregos e romanos.

No campo da História, observa-se ao longo do século XX, debates sobre o conceito de documento histórico, desde o movimento dos Annales até a “Nova História”. Nesse contexto, historiadores de ambos os movimentos que não se contentavam com os limites impostos à categoria “documento histórico” entraram nesse debate. Por exemplo, Charles Samaran apresenta o ‘documento’ no sentido mais amplo do que o texto escrito, ampliando as categorias de documento ilustrado, transmitido pelo som, a imagem e/ou qualquer outra maneira.

Ainda, segundo Marcelo Rede (2012), na década de 1960, com o advento da *New Archaeology*, a dualidade objeto x cultura pareceu simplista e insuficiente. A ambição destes pesquisadores era a de transformar a Arqueologia numa verdadeira ciência social, buscando, com isso, explicar o processo de transformações de sociedades através da cultura material.

A partir destes movimentos, abriram-se caminhos para a Arqueologia histórica, na qual, tanto sociedades modernas quanto sociedades contemporâneas, poderiam se beneficiar dos estudos da cultura material a partir de objetos produzidos pelas sociedades antigas.

Norberto Guarinello (2003), em *Uma morfologia da História*, além de problematizar e utilizar dos dados arqueológicos, defende que é necessário colocar em uma mesma unidade de sentido os vestígios diversos que foram produzidos em tempos e lugares diferentes, criando, com isso, grandes contextos (p. 45).

Nesse sentido, o estudo desta dissertação, através dos vestígios materiais, será problematizado a partir de três aspectos: a paisagem, a arquitetura e a escrita em conformidade com os pressupostos defendidos por Guarinello. As inscrições com suporte preservado, segundo Philippe Bruneau (1974), em *Sources textuelles et vestiges matériels: Réflexions sur l'interprétation archéologique* (p.1), foram discutidas em uma articulação entre os domínios da materialidade e da escrita, pois a inscrição possui características de um objeto arqueológico, se encontra num local de achado e tem eventuais funções arquitetônicas. Logo, por sua materialidade que resulta da própria escrita e sua unicidade, às vezes, esclarece mais que o texto.

Ainda de acordo com Bruneau (1974, p. 6), a Arqueologia pode detectar informações que escapam da consciência dos usuários para, então, partir para uma abordagem sociológica dos vestígios materiais. A maior parte dos dados arqueológicos deve ser inserida numa problemática histórica e não simplesmente pelo ato de completar textos ou ratificá-los. O texto escrito tem papel fundamental no último objetivo final da Arqueologia que é a interpretação.

Na discussão apresentada, podemos perceber que os termos documento, documento histórico e documento arqueológico proporcionaram uma série de formulações conceituais. Há, segundo os autores apresentados, uma tensão entre a perspectiva tradicional (documento de suporte escrito) e a nova perspectiva (o documento histórico variado, para além do texto escrito). Através desta análise, podemos perceber que a conceitualização da Nova História e da Arqueologia Histórica, que integra também os documentos escritos, é amplamente defendida pelos autores apontados, desde que se tome todos os cuidados para que as fontes materiais sejam problematizadas.

Essa perspectiva será utilizada para que possamos, através da cultura material, romper os paradigmas criados pelo viés da historiografia colonial anterior à década de 1960 e, então, buscando nestes resquícios uma visão descolonizada das interações em Léptis Magna.

Com isso, neste capítulo, o *macellum* será apresentado como um estudo de caso: paisagem, arquitetura e informações escritas (as inscrições no seu interior)

integrando-as ao debate sobre a construção do mercado e de suas inscrições, a contextualização da sociedade Lepitana e a questão cultural entre Léptis e Roma.

3.1 Paisagem

O macellum de Léptis Magna será estudado pelo fato de ser um dos primeiros monumentos construídos no contexto do contato entre romanos e os habitantes de Léptis Magna, e conforme cita Christine Hamdoune (2009), em *Les macela dans les cités de l'Afrique romaine*, o mercado é um tipo de edifício que se espalhou rapidamente pelas cidades provinciais tendo o número confirmado de dezoito mercados distribuídos pela África, sendo o de Léptis um dos mais antigos nesse contexto do contato.

Segundo Ana Torrecilla Aznar (2007), em *Los macela em la Hispania romana. Estudio arquitectónico, funcional y simbólico*, os mercados romanos, inicialmente, eram localizados no interior dos fóruns romanos, baseando-se nos modelos das ágoras gregas, que, além das funções administrativas e políticas possuíam espaços para vendas. No período republicano, foram absorvidas muitas influências gregas e os fóruns romanos foram se especializando em suas funções administrativas, jurídicas, políticas, religiosas e econômicas excluindo, assim, as atividades comerciais e acabando com os espaços para estes postos de venda que havia nas ágoras. Essa tendência mudou sua consolidação como um espaço próprio para a função comercial que será denominada *macellum*.

Ou seja, algumas atividades, incluindo a venda de peixe e carne, foram transferidas para fora do fórum e confinadas a edifícios rodeados por colunas (peristilo). Além disso, os mercados surgem onde havia necessidades comerciais, crescendo e se transformando conforme as cidades ditam seu crescimento, dependendo de transformações demográficas ou sociais. Assim, parece que foram o desenvolvimento urbano das cidades e suas necessidades econômicas em mutação que marcaram a construção dos *macella*.

O *macellum* do período romano, segundo Christine Hamdoune (2009), normalmente reproduz os modelos de mercados romanos com paredes em *opus*

*africanum*⁶, plano retangular, com um pórtico interno, um edículo hexagonal (*tholos*) no centro e lojas sob os pórticos.

Alexis Mary Young (1993), em *the Roman north African macella: their chronology, typology, urban placement and patronagem*, cria uma classificação de estruturas que se repetem nos *macella* africanos, sendo possível elencar cinco elementos em comum:

- O mercado no Norte da Africa é cercado por paredes no perímetro com apenas um único piso;
- O mercado costuma ter entradas múltiplas, em dois ou mais pontos proporcionando assim facilidade de acesso ao decumano⁷ e aos cardos;
- A parte interna do mercado tem uma colonata interior que é aberta para o centro, mas coberta com um telhado;



Figura 4 – *Macellum* de Léptis Magna, vestígios das ruínas e reconstituição parcial da colonata interna

Fonte:Wikimedia Commons ⁸

⁶ *Opus africanum* é uma forma de alvenaria utilizada na arquitetura cartaginesa a partir da metade do século 7 a.C., caracterizada por pilares de blocos verticais de pedra quadrada criando como se fosse uma moldura, preenchendo a área entre esses pilares com entulho, pedras e argamassa. O tipo de construção oriental conhecido como Opus Africanum, também conhecido como "alvenaria de cais e entulho". (LÓPEZ-RUIZ & DOAK, 2019, p.448).

⁷ Segundo Gagarin (2010, p.157), como as cidades gregas, as cidades romanas eram feitas através de um plano quadrangular. Dentro deste plano quadrangular a rua tracada no eixo norte-sul era denominada cardo e a rua tracada no eixo leste-oeste era denominada decumanus. Onde ambas se cruzam é definido o centro da cidade.

⁸ Retirado de <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leptis_Magna_-_Marktgeb%C3%A4ude_\(macellum\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leptis_Magna_-_Marktgeb%C3%A4ude_(macellum).jpg)>. Acessado em 08/02/2021



Figura 5 - Reconstituição do tholos do norte e a colunata lateral

Fonte: Itálica Romana.⁹

- O mercado possui uma ou mais fileiras de lojas ao longo de suas paredes;
- O mercado possui uma estrutura hidráulica como poços, fontes, cisternas e drenos.

Segundo Valéria Pontes Guimarães Brites (2014), em *Urbanismo como estratégia de romanização*, os mercados eram o segundo prédio público a serem construídos na cidade. Primeiramente, ao se estabelecerem na cidade, os romanos construíam o fórum e, após sua instalação, levantavam o mercado. Léptis Magna foge desta tradição. Segundo a autora, as escavações revelaram que havia uma cidade justaposta à uma anterior e, por esta se localizar numa posição fundamental para a comercialização de produtos advindos do interior do deserto, além da alta produtividade da região em azeite e cereais, Léptis foge da tradição, e seu mercado foi o primeiro edifício, já em 8 a.C.

Segundo Young (1993 p.116), o terreno inclinado em Léptis Magna fez com que o *macellum* fosse construído sobre um vasto pódio de blocos de arenito, atingindo uma altura de 2 metros ao norte (Fig. 6).

⁹ Disponível em: <http://italicaromana.blogspot.com/search?q=leptis> Acesso em 08 de fev. 2021.



Figura 6 - Entrada nordeste do *macellum*

Fonte: Vici.org.¹⁰

Ainda, segundo a autora, o *macellum* em Léptis Magna foi construído em um novo bairro da cidade, a oeste do *fórum vetus*¹¹ (Fig.2). O fato de que este *macellum* estava tão longe do *fórum vetus* sugere que houve um desenvolvimento anterior entre essas duas estruturas. Não se sabe se houve espaço disponível para a construção do *macellum* entre o *fórum vetus* e o antigo porto. A localização próxima ao porto teria sido lógica, já que o *macellum* provavelmente era um mercado de peixes (os dois tholoi contêm mesas de exposição inclinadas e uma grande bacia para manter os peixes vivos até o momento da venda).

¹⁰ Disponível em: <https://vici.org/vici/18033/>. Acessado em 04 de mar. de 2021.

¹¹ Fórum, em cidades romanas da antiguidade, polivalente, área aberta centralmente localizada que era rodeada por edifícios públicos e colonatas e que servia de ponto de encontro público. Foi uma adaptação espacial ordenada da ágora grega, ou mercado e acrópole. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2021)

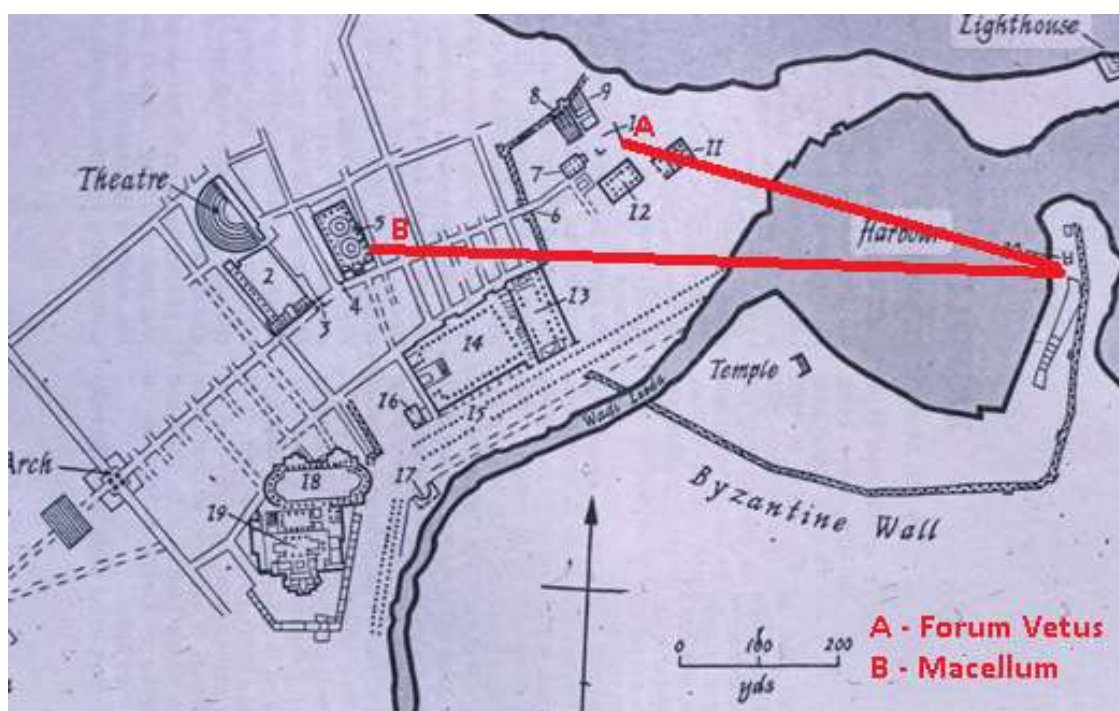


Figura 7 - Distância entre o porto, fórum e macellum

Fonte: Loyola University¹²

Antes de Augusto, o melhor material de construção disponível era um arenito local macio que só podia ser usado, como em Sabratha e Oea, sob uma espessa camada de estuque. Nos últimos anos do século I a.C, entretanto, pedreiras foram abertas para explorar o calcário de Ras el-Hammam, uma magnífica pedra de construção, que lembra um pouco o travertino. O arenito foi imediatamente banido para o segundo lugar.

Durante a construção do mercado, foi utilizado calcário extraído da pedreira de Ras el'Hammam, localizada a 5km a sul de Léptis Magna. Este é o edifício público africano mais antigo datado da era agostiniana, no qual foi decidido que se construísse uma instalação que atendesse às necessidades diárias de seus residentes. Abaixo, apresento os vestígios atuais do mercado, além da reconstrução virtual de como ele deveria ser no período analisado (fig. 8, 9, 10, 12, 13 e 15).

¹² Disponível em: <http://www.lib.luc.edu/specialcollections/files/original/7ad8c8f84fcc06fd4e36038aca62cae9.jpg>. Acesso em 04 de mar. 2021.

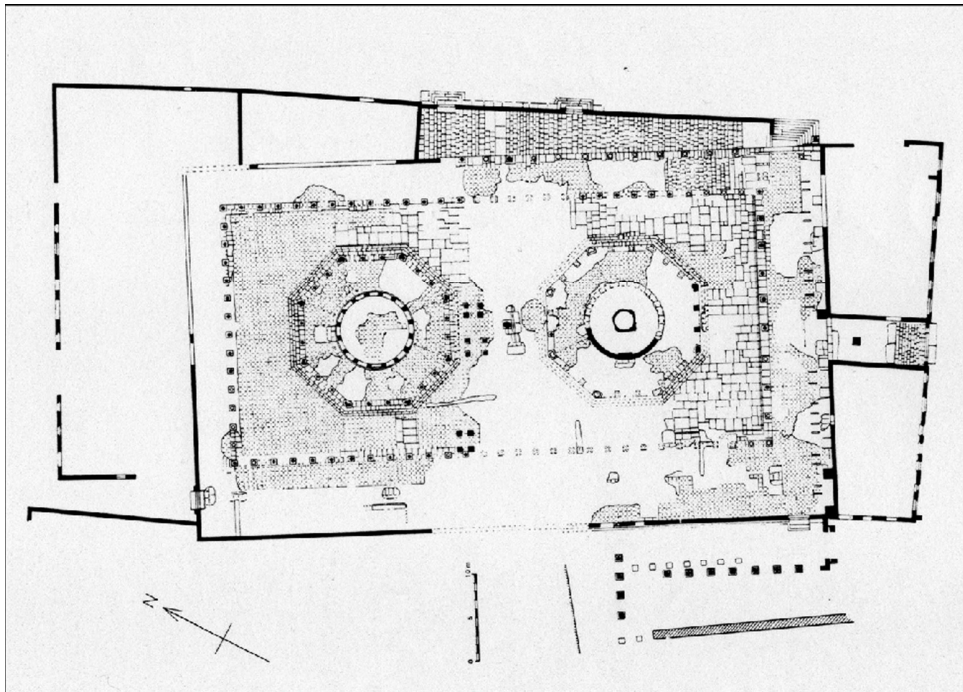


Figura 8 - Planta do macellum com os vestígios atuais

Fonte: Armando Cristilli (Research Gate).¹³

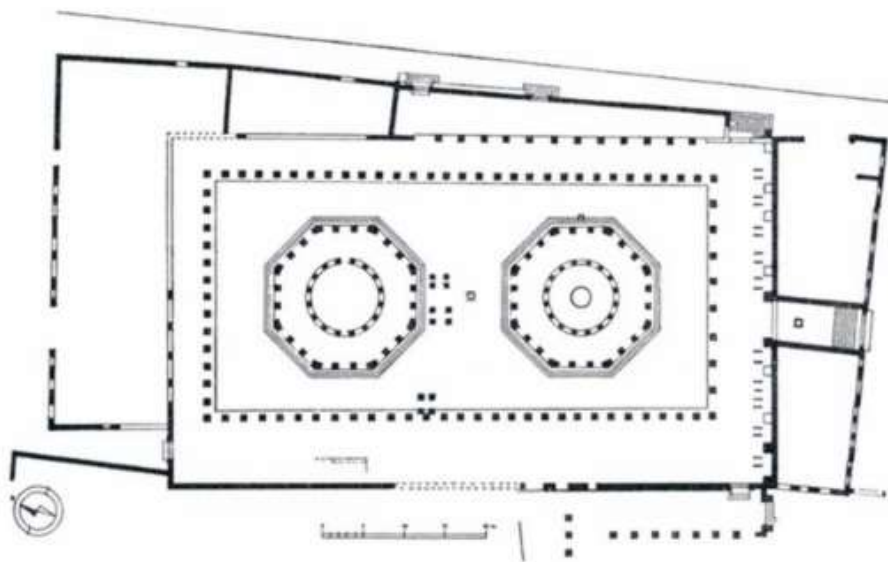


Figura 9 - Planta do macellum de Léptis Magna

Fonte: Schnugg (2017, p. 26)

¹³Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Lepcis-Magna-Macellum-plan_fig1_319185973. Acesso em 03 de mar 2020.

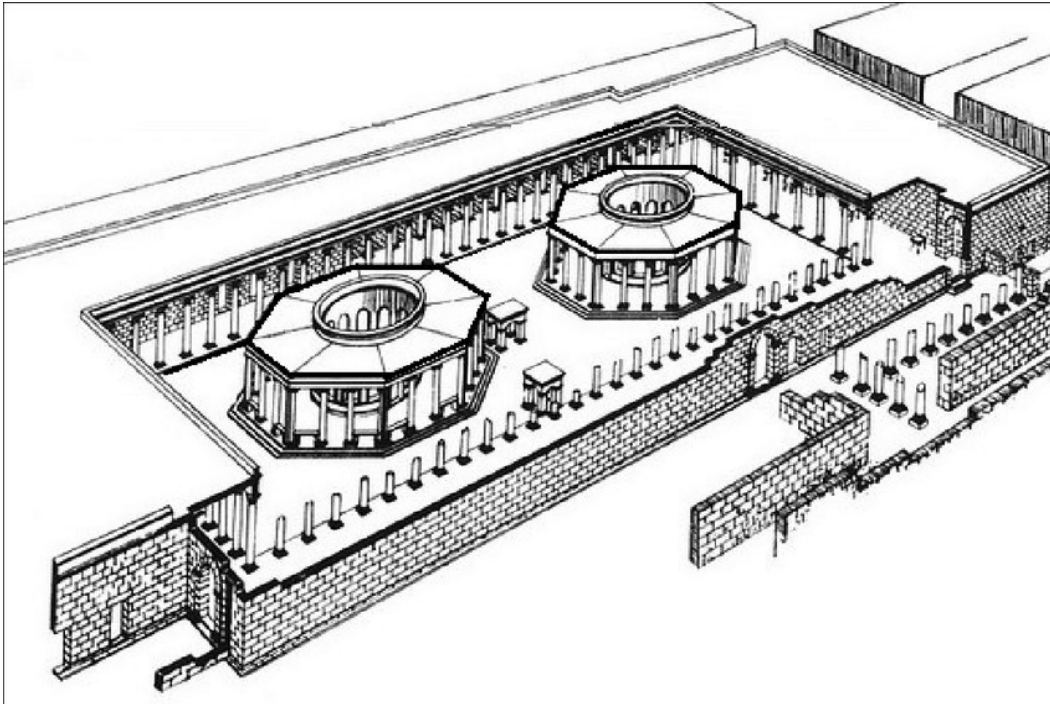


Figura 10 - Reconstituição virtual do acellum de Léptis Magna

Fonte: Schnugg (2017, p. 26)



Figura 10 - Ruínas do tholos do norte do macellum de Léptis Magna

Fonte: Wikimedia Commons ¹⁴

¹⁴ Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leptis_Magna_-_Marktgeb%C3%A4ude_\(macellum\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leptis_Magna_-_Marktgeb%C3%A4ude_(macellum).jpg) Acesso em 08 de fev. 2021.



Figura 11 - Reconstituição virtual do tholos do Norte
 Fonte: Itálica Romana¹⁵



Figura 12 – Reconstituição virtual tholos do norte visto do tholos do sul.
 Fonte: Itálica Romana¹⁶

¹⁵ Disponível em: <http://italicaromana.blogspot.com/search?q=leptis>. Acesso em 08 de fev. 2021.

¹⁶ Disponível em: <http://italicaromana.blogspot.com/search?q=leptis>. Acesso em 08 de fev. 2021;



Figura 13 - Ruínas do tholos do sul

Fonte: Imperio Roma¹⁷

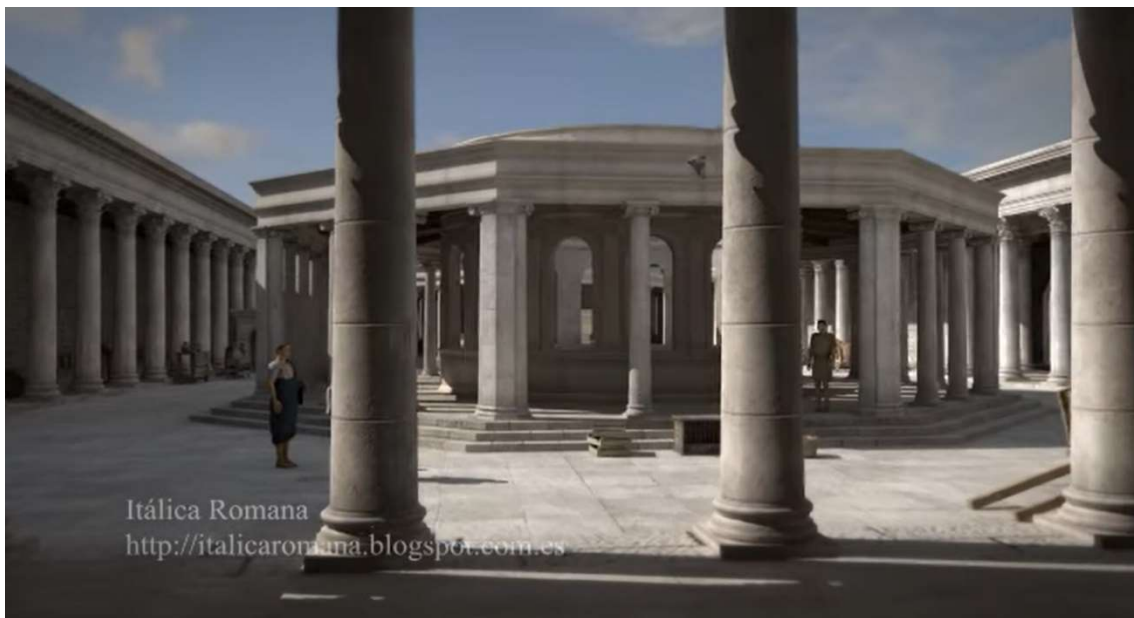


Figura 14 - Reconstituição virtual do tholos do sul

Fonte: Itálica Romana¹⁸

¹⁷ Disponível em: <http://imperiioroma.blogspot.com/2010/05/leptis-magna-um-pedaco-de-roma-na.html>
Acesso em 08 de fev. 2021.

¹⁸ Disponível em: <http://italicaromana.blogspot.com/search?q=leptis> Acesso em 08 de fev. 2021.

Durante o primeiro século, foram instaladas mesas entre as colunas do tholos do norte com dedicatória de Tiberius Claudius Amicus e Marcus Heliodorius Apollonide que financiaram a instalação. Já durante o período Severiano, houve um extenso programa de restauração da cidade, sendo construídos diversos novos edifícios como o novo fórum e a basílica do arco do triunfo. Dentro do mercado, houve uma série de mudanças¹⁹: “Os tholoi do sul foram restaurados em mármore importados, provavelmente ao mesmo tempo em que a entrada principal do mercado foi movida do Oeste para o lado sudeste. Mármore importados também foram utilizados para os pórticos internos.”²⁰ (YOUNG, 1993, p. 20).

Segundo Cristine Handoune (2009), somente este mercado ofereceu significativa originalidade com seus dois *tholoi* e a concentração de lojas nos *tholoi* do norte, e provavelmente no sul, contradizendo assim o padrão dos mercados da África do Norte que concentravam suas lojas em seu entorno. Young (1993) demonstra em sua análise toda a originalidade que este mercado possui:

(...) é tão único que este mercado deve ser considerado uma entidade arquitetônica separada e distinta. Nenhum outro tholos em um macelo romano do norte da África funcionava como área de venda de mercadorias. Nenhum outro macelo romano tinha dois tholoi ou não tinha lojas. Este mercado não contém evidências de paredes divisórias que significam a presença de lojas permanentes ao longo dos pórticos externos. Nenhum outro macelo romano do norte da África era tão grande (70 x 42 m) ou continha tantas colunas (mais de 100) em seu pátio interior do peristilo. O macelo em Lepcis Magna é verdadeiramente uma anomalia, mais como uma peça de exibição do que um sutil, barulhento e mercado movimentado. (p. 92, tradução nossa)²¹

Segundo Jessica Schnugg (2017, p.26), a forma incomum do *macellum* de Léptis com dois *tholoi* é mais provável de ser vista como um esforço para aumentar seu prestígio. É considerado o maior *macellum* conhecido em sua época. Os balcões

¹⁹ Embora haja relatos de duas outras reformas deste macellum, estas não serão objeto de análise uma vez que não estão inseridas no recorte temporal desta pesquisa.

²⁰ Trecho original: « *The south tholos was restored in imported marbles likely at the same time as the principal entrance of the market was moved from the west to the South. Imported marbles were also used for the interior porticoes* ».

²¹ Trecho original: “(...) *is so unique that this market should be considered a separate and distinct architectural entity. No other tholos in a Roman North African macellum functioned as a vending area for selling commodities. No other Roman macellum had two tholoi or was devoid of shops. This market contains no evidence for partition walls signifying the presence of permanent shops along the outer porticoes. No other Roman North African macellum was so large (70 x 42 m) or contained so many columns (100 plus) in its interior peristyle court. The macellum in Lepcis Magna is truly an anomaly, more like a showpiece than a smelly, noisy and busy market.* »

da loja eram feitos de pedra e, portanto, pode-se concluir que peixe e carne foram vendidos ali, mas é claro que ali também se vendeu outros alimentos. Segundo Jessica Schnugg (2017), a planta do *macellum* pode ser descrita desta forma:

O macelo consiste em um grande pátio quadrado cercado por colunatas. Dois *tholoi* foram encontrados no centro, embora geralmente houvesse apenas um deles. Ambos os tholoi eram originalmente feitos de calcário, assim como o resto do mercado. Um dos dois foi reconstruído em mármore no período Severo, o outro foi feito de calcário. Os pilares do mercado, no entanto, eram feitos de arenito. Um dos dois provavelmente estava cercado por bancos ou cadeiras. Em geral, o tholos é considerado como tendo apenas um caráter decorativo. (p. 26, tradução. nossa)²²

Após o término da construção do mercado, segundo Armando Cristilli (2015) em *Macellum and Imperium. The relationship between the Roman State and the market-building construction*, foi feita uma inscrição dedicada a Augusto por Annobal Tapapius Rufus, um magistrado local da elite (p. 71).

3.2 Epígrafia

Neste tópico iremos tratar sobre algumas inscrições específicas do mercado. A figura 16, trata-se de uma inscrição bilíngue parcialmente preservada em dois blocos. Ela estava situada no friso que contornava a parte octogonal nordeste no mercado. Ela foi lapidada em três linhas, mas faltam as extremidades à esquerda de cada linha.

²² Trecho original: « Das Macellum besteht aus einem großen, viereckigen Hof, der mit Säulengän gen umgeben war. Im Zentrum fand man zwei Tholoi, obwohl es für gewöhnlich eigentlich nur einen davon gab. Insgesamt Ursprünglich bestanden beide Tholoi aus Kalkstein, so wie der restliche Markt. Einer der beiden wurde aber in severischer Zeit aus Marmor neu errichtet, der andere blieb aus Kalkstein. Die Säulen des Macellums hin gegen waren aus Sandstein gemacht. Einer der beiden war wahrscheinlich von Bänken oder Stühlen umgeben. Generell betrachtet spricht man den Tholoi lediglich einen dekorativen Charakter zu ».

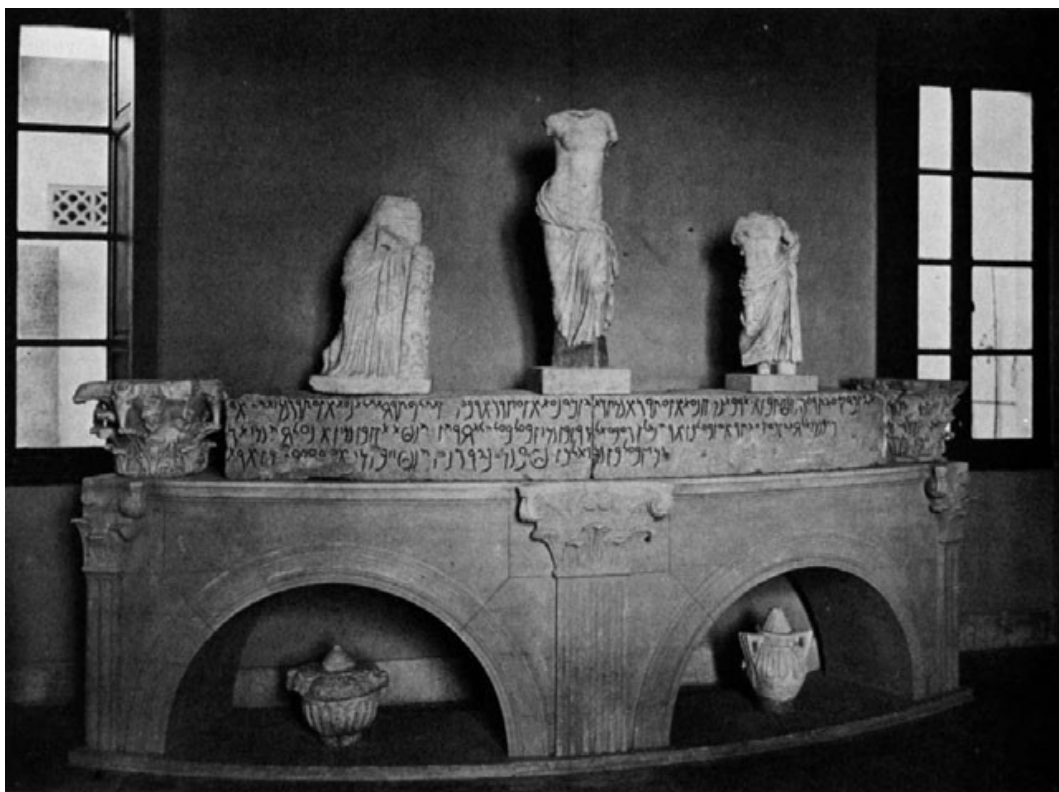


Figura 15 - Friso do thollos do Mercado preservado com as inscrições bilingues

Fonte: Wilson (2012).

Tradução para o Português:

“Imperator Caesar Augustus, filho de um deus, chefe do exército pela 11^a vez, imperator pela 14^a vez, tendo a autoridade dos dez governantes pela 15^a vez, chefe [dos sacerdotes]. Os sacrificadores do imperador César sendo Iddibal, filho de ArishPYLN e Abdmelqart, filho de Annobal, executor do sacrifício ~SLM dos primogênitos, e enquanto os sufetes eram Mutun, filho de Hanno, fabricante de buquês (?) e [. . . filho de. . .], Annobal, filho de Himilcho, Tapapius Rufus, sufes, sacrificador, senhor dea ‘oferta da ZRM, de acordo com o plano [a fez às suas próprias custas e a dedicou ??].”²³

²³ “Imperator Caesar Augustus, son of a god, head of the army for the 11th time, imperator for the 14th time, having the authority of the ten rulers for the 15th time, chief [of the ?priests]. The sacrificers of the imperator Caesar being Iddibal son of Arish PYLN and Abdmelqart son of Annobal, executor of the ~SLM sacrifice of the firstling, and while the sufetes were Mutun son of Hanno, maker of bouquets (?) and [. . . son of . . .], Annobal, son of Himilcho, Tapapius Rufus, sufes, sacrificer, lord of the ‘ZRM offering, according to plan [made it at his own expense and dedicated it ?? ». Leitura feita a partir da versão inglesa, texto em latim e púnico disponível em Wilson (2012. p. 275).

Abaixo, outra inscrição que foi gravada em letras de cerca de 15 cm no alto de trinta e um blocos da parede externa sul-oeste do mercado, ao longo e ao lado da entrada sul conforme podemos verificar:



Figura 16 - Parede externa sul-oeste do mercado de Léptis com a inscrição

Fonte: Wilson (2012)

Tradução para o Português:

“Imperator César Augusto, filho do deificado, cônsul do 11 tempo, imperator pela 14ª vez, investido de poder tribúnico para a 15ª vez, pontifex maximus.

Com o procônsul Marcus Licinius Crassus Frugi, filho de Marcus, cônsul e áugure, agindo como patrono, os flamines de César Augusto sendo Iddibal Pilo, filho de Aris, e Ammicar. . . em .., filho de Annobal, os sufetes sendo Muttun, filho de Anno, Annobal Tapapius Rufus, filho de Himilcho, sufes, flamen, prefeito de os ritos sagrados, fez com que este fosse feito com seu próprio dinheiro e o dedicou.”²⁴

Além disso, Andrea Zocchi (2018), em *The Periphery of Lepcis Magna: A Multifunctional Landscape*, demonstra o motivo da necessidade de um mercado em

²⁴ “Imperator Caesar Augustus, son of the deified one, consul for the 11th time, imperator for the 14th time, invested with tribunician Power for the 15th time, pontifex maximus. With the proconsul Marcus Licinius Crassus Frugi, son of Marcus, consul and augur, acting as patron, the flamines of Caesar Augustus being IddibalPilo, son of Aris, and Ammicar on, son of Annobal, the sufetes being Muttun, son of Anno, Annobal Tapapius Rufus, son of Himilcho, sufes, flamen, prefect of thesacredrites, had this made from his own money, and dedicated it.??.” Leitura feita a partir da versão inglesa, texto em latim e púnico disponível em Wilson (2012, p. 277).

Léptis. Segundo ele, havia rotas saindo de Léptis Magna por toda a costa da Mauritânia até o Egito, além de uma rota direta para o interior do deserto conforme figura 18.



Figura 17 - Mapa indicando as antigas estradas de conexões da Tripolitânia

Fonte: Zocchi (2018, p. 52)

Por ser uma cidade conectada com toda a Tripolitânia e com os berberes do deserto, Léptis ganha importância tanto defensiva quanto para o comércio romano.

Schnugg (2017, p.19.) reafirma esta proposição de Andrea Zocchi (2018, p. 52.) indicando a importância que o *macellum* tem para a cidade, afirmando que a cidade tem como principal atividade o comércio; e que, mesmo com a dominação romana, esse ramo de atividade precisou ser mantido:

Uma expansão regular da cidade ocorreu na margem esquerda do Wadi Lebda. Léptis Magna, como qualquer outra cidade romana, tinha dois eixos principais, o Decumanus Maximus e o Cardo Maximus. O

Decumanus correu paralelo à costa e foi então conectado à rota de tráfego mais importante no norte da África, entre Cartago e Alexandria. (...) Uma boa conexão com a infraestrutura era extremamente importante para a cidade, para que o comércio pudesse continuar florescendo. Um deles estava conectado aos grandes centros da costa africana e, como o comércio formava a base da vida dos moradores, a existência contínua da cidade era inicialmente garantida.” (Schnugg, 2017. p. 19, tradução nossa)²⁵

Segundo Andrew Wilson (2012), em *Neo-punic and latin iscription in Roman North Africa*, a maioria das inscrições bilíngues como aquelas em latim e púnico e, às vezes, trlíngues com o acréscimo do grego, era de Léptis Magna; e, a partir do período de Augusto, a tendência das inscrições seguiu o evergetismo vigente, no sentido de seu aumento de inscrições em edifícios públicos como forma de concorrência a cargos públicos.

Mesmo com a adoção de nomes latinos e inscrições bilíngues e trlíngues para se aproximarem dos romanos, Benabou (1973) afirma que o púnico se manteve como língua franca do povo comum. Com o tempo, as inscrições começam a utilizar termos emprestados do latim, mas conservando sua coerência gramatical. Com isso, o autor demonstra, em sua análise, que a elite ou sub-elite, que era capaz de encomendar inscrições caras, estava mais propensa a ser influenciada pelos romanos através de seus hábitos de “civilidade”; logo, a elite adotava estes hábitos como forma de serem aceitos no convívio romano e buscava a intermediação de seus patronos diante do imperador, e isso impactava diretamente na diminuição das inscrições púnicas, algo que as fontes clássicas corroboram e que limita seriamente o número de inscrições púnicas que chegam até os dias de hoje.

Benabou (1973) demonstra que, neste contexto de várias línguas, a extensão dos textos não é proporcional à extensão da fala, ou seja, a população que falava púnico pode nunca ter tido a necessidade e nem condições de fazer estelas, epitáfios ou inscrições. Logo, devemos, ao interpretar estes dados, entender que devem ser levados em consideração outros fatores além da distribuição de inscrições num mapa,

²⁵ Trecho original: “Eine regelmäßige Ausdehnung der Stadt fand auf der linken Uferseite des Wadi LebDAH statt. Leptis Magna bekam wie jede andere römische Stadt zwei Hauptachsen, den Decumanus Maximus und den Cardo Maximus. Der Decumanus verlief parallel zur Küste und war damals mit der wichtigsten Verkehrsstraße Nordafrikas zwischen Karthago und Alexandria verbunden. (...) Eine gute Anbindung an die Infrastruktur war für die Stadt äußerst wichtig, damit der Handel weiter florieren konnte. Man war ja dadurch mit den großen Zentren der afrikanischen Küste verbunden und da der Handel die Lebensgrundlage für die anwohnende Bevölkerung bildete, war das Fortbestehen der Stadt zunächst gesichert.”

ou mesmo a relação proporcional entre inscrições em líbio fenício e as inscrições em latim.

Segundo o autor, é necessário entender o local e seu ambiente para, então, analisar a importância da inscrição. Como nos informam Mendes e Bustamante (2005) em *A Experiência Imperialista Romana*, na sociedade do norte da África, na qual o domínio da escrita era privilégio de poucos e os documentos escritos tinham circulação restrita, a imagem constituía uma forma de comunicação com maior amplitude que a escrita.

Segundo Benabou (1973), os nativos adquiriam conhecimento de latim e grego para utilizarem na medida do que lhes parecia necessário e os romanos sabiam acomodar a diversidade cultural de seus súditos sendo que a dominação não deu origem a uma “guerra linguística”. Isso não quer dizer que a coexistência das diferentes línguas foi em si, um fenômeno simples e pacífico. O autor, apresenta que é possível distinguir várias zonas linguísticas da África romana sem conhecer uma mutação linguística total.

Elizabeth Fentress (2006), em *Romanizing the Berbers*, ainda demonstra que as regiões mais colonizadas foram as próximas ao Mediterrâneo; afirma, ainda, que a mudança de linguagem poderia ser apenas questão de “estilo”. Já em outros locais mais afastados, o comércio foi questão fundamental para esta mudança cultural.

Neste sentido, em contraponto ao viés inicial de romanização defendido pelos autores com perspectiva colonialista, no qual o povo nativo ganha cultura e civilidade a partir da colonização romana, é possível notar que, embora haja a adoção dos costumes pela elite local, a linguagem púnica mantém-se durante todo período até o século III d.C.

O processo de romanização no Norte da África ocorreu de maneira desigual, sobretudo no que concerne às questões culturais como também à arquitetura, conforme assevera Benabou (1973) que aponta que mesmo com a presença romana, nem tudo mudou na vida dos nativos.

3.3 Arquitetura

A análise do conjunto arquitetônico de Léptis oferece uma valiosa contribuição para a adesão já demonstrada através da estreita ligação entre os programas

decorativos, o evergetismo, os tipos de edifícios, comissionamento e trabalhadores qualificados, mas também das matrizes culturais do conservantismo leptitano.

A análise inicia pela instalação do cardo e do decumano da cidade segundo Valéria Pontes Guimarães Brites (2014) em *Urbanismo como Estratégia de Romanização*. A autora salienta que o modelo de cidades romanas era implementado instalando o cardo e o decumano e colocando o fórum e o mercado lado a lado no cruzamento de ambos. Segundo a autora, a cidade normalmente era formada no formato de quadrado ou retângulo cortado por duas vias perpendiculares principais, que se denominava cardo (eixo norte-sul) e o decumanus (eixo Leste-Oeste). Através da posição destas duas vias principais que se estabelecia as entradas principais e as demais ruas eram derivadas.

Segundo Schnugg (2017), a cidade ter pequenas diferenças arquitetônicas nos demonstra que as quadras da cidade foram construídas obedecendo a uma rede de conexões anteriores e que a expansão da cidade já seguiu os padrões romanos que advinham dos modelos de arquitetura romano. Essa posição de mercado e fórum contribuem para demonstrar que já existia uma cidade anterior à chegada dos romanos e, por consequência, foi-se mantendo os edifícios existentes e reformando as construções, como por exemplo o mercado.

É possível observar, em outras cidades romanas como Timgad, Thugga, Jerash e Verbônia as diferenças arquitetônicas da construção das ruas da cidade. (Fig.10 – 13):

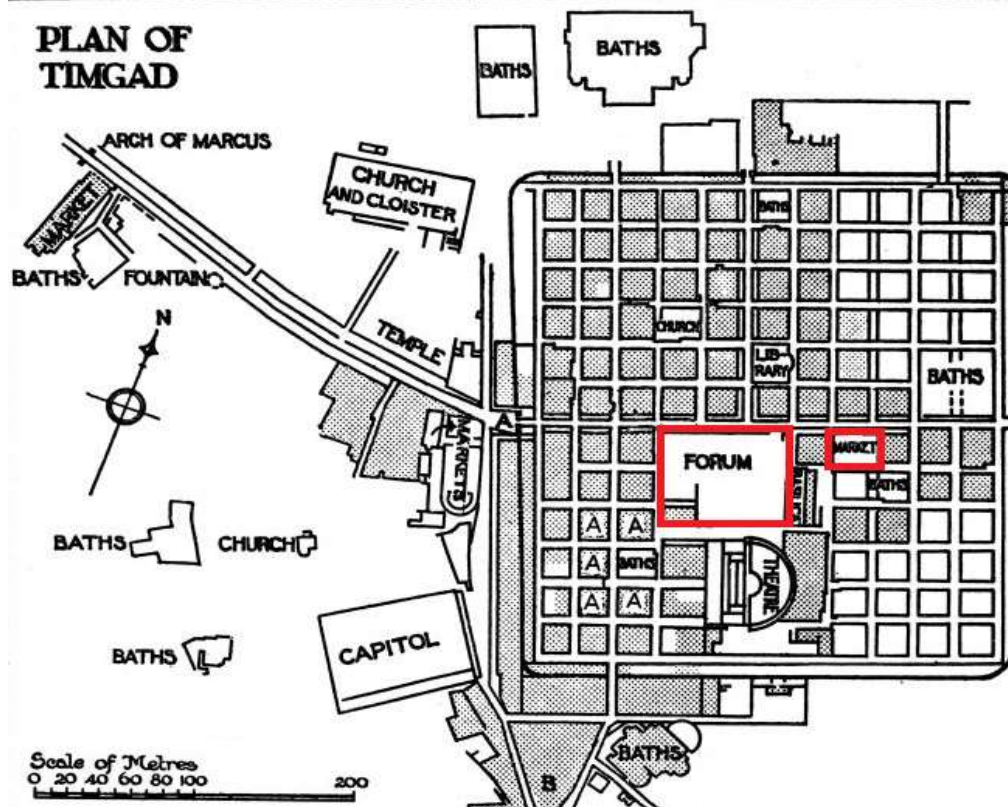


Figura 18 - Mapa de timgad

Fonte: Wikimedia Commons²⁶

²⁶ Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan_of_Timgad_inHaverfield% 27s_ Ancient_Town_Planning_Wellcome_M0009552.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan_of_Timgad_inHaverfield%20s_Ancient_Town_Planning_Wellcome_M0009552.jpg) Acesso em 10 de mar. 2020.

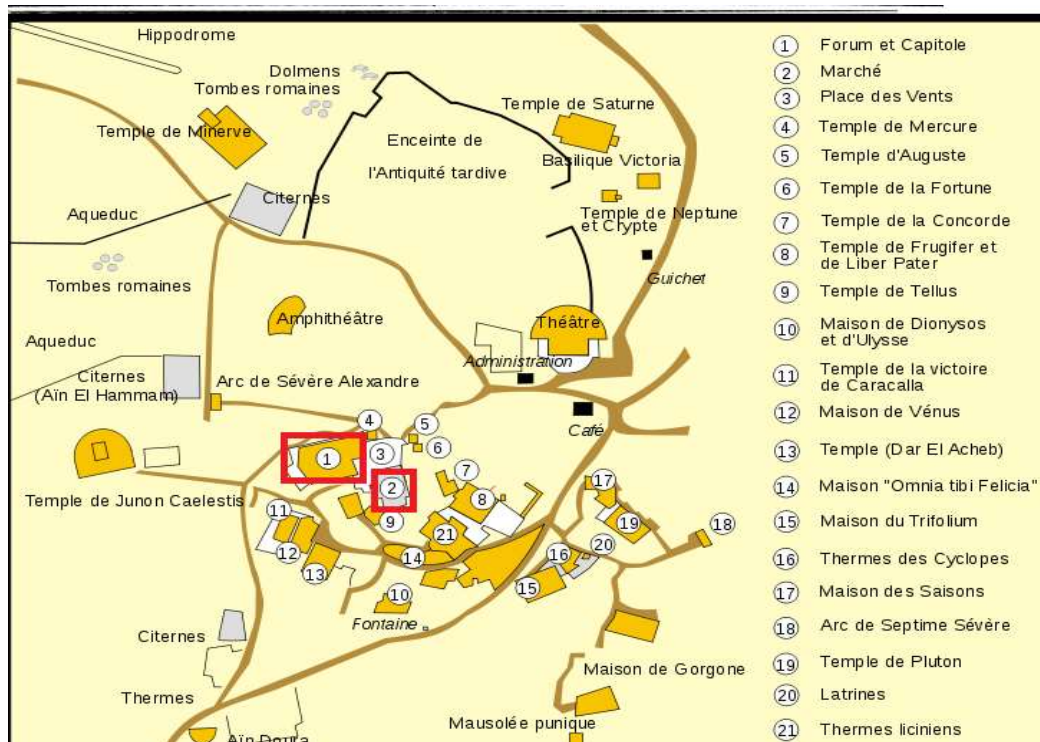


Figura 19 - Mapa de Dougga ou Thugga

Fonte: Wikimedia Commons²⁷

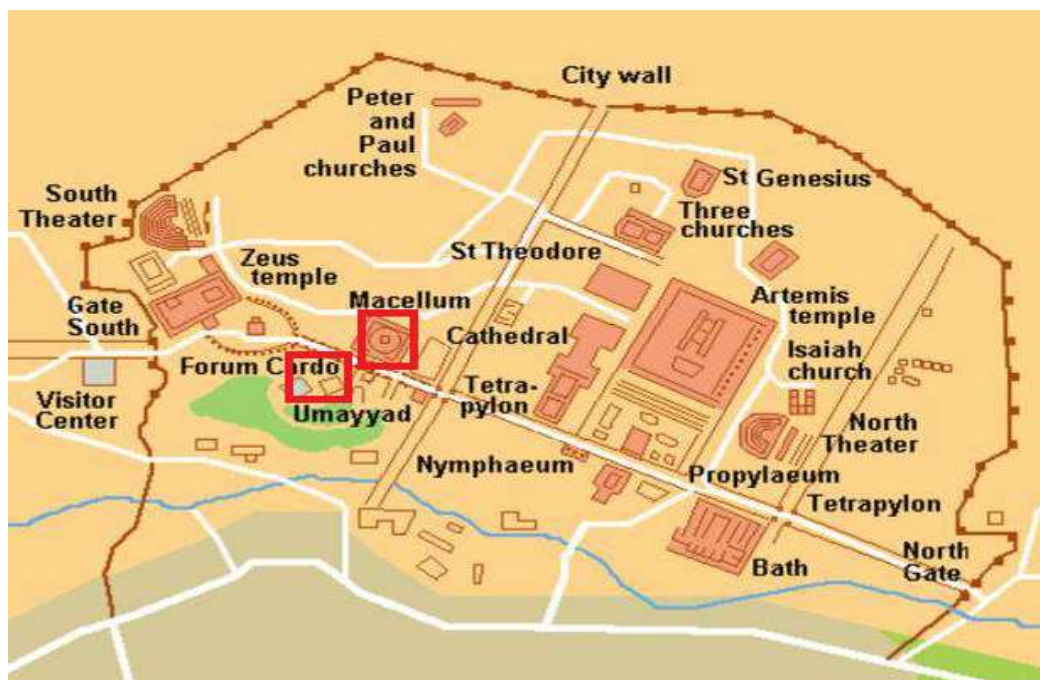


Figura 20 - Mapa de Jerash

Fonte: Blog Agora vai de Novo²⁸

²⁷ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dougga_map-fr.svg> Acesso em 10 de mar. 2020.

²⁸ Disponível em: <<https://agoravaidenovo.wordpress.com/2010/06/20/cruzadas-e-imperios-ajlun-e-gerasa-2-de-2/>> Acesso em 10 de mar. 2020.

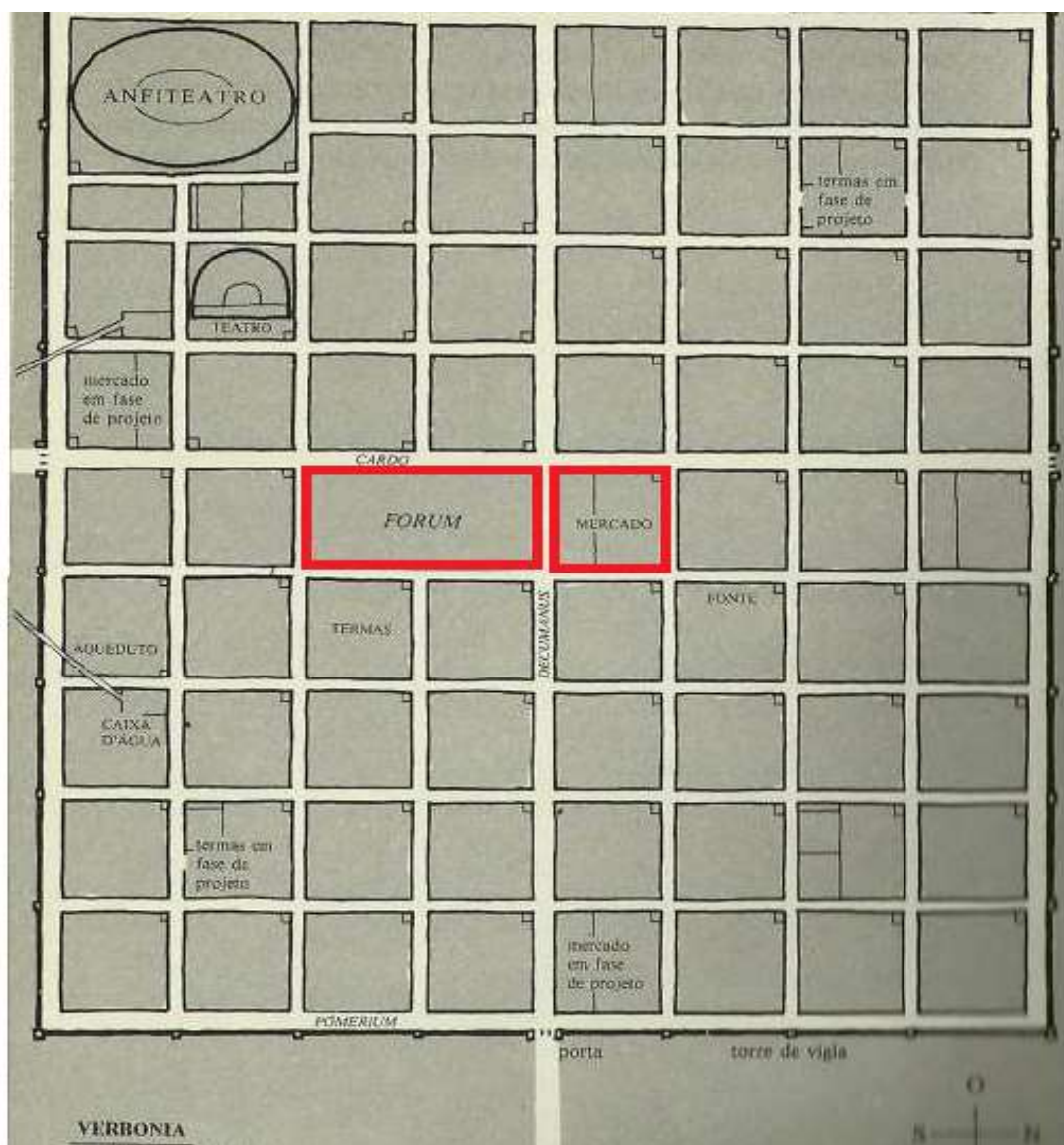


Figura 21 - Mapa da cidade fictícia de Verbonia como modelo romano

Fonte: David Weight (Pinterest)²⁹

Este último mapa (fig. 21) é um modelo no qual é apresentada a construção ideal de um plano ortogonal da cidade, com o cardo e o decumano alinhado e lado a lado o Fórum e o Mercado.

Antonio Celso Xavier de Oliveira (2007) nos informa, em *De Uruk à Villa Hadriana: contribuição ao estudo da urbanização na antiguidade – relações entre espaços de uso público, privado, coletivo e restrito*, que nas cidades onde a natureza do terreno consentisse, utilizava-se as estruturas e organizações romanas para a construção das cidades. Já em cidades mais desenvolvidas, como é o caso de Léptis

²⁹ Disponível em < <https://www.pinterest.pt/davidw8/maps/> > Acessado em: 10/03/2020.

Magna, foram respeitadas as formas e expressões urbanísticas locais. Além disto, o autor nos informa que, para o norte da África, a implementação das construções de ruas manteve um respeito aos monumentos anteriores. Pode-se perceber apenas a simetria do padrão ideal romano, em que as cidades que eram instaladas do zero.

Segundo Detlev Kreikenbom (2010), em seu texto *Archäologischeprojekte der johannesgutenberg - universitätmainz in Lepcis Magna*, desde o século I d.C., a arquitetura de Léptis é fortemente determinada pelo modelo de locais de repertórios dos artesãos do Norte da África, principalmente nos capitéis predominantes nos edifícios públicos fazendo uso do repertório norte africano de formas.

Ainda segundo o autor, os modelos do norte da África recebiam diferentes influências arquitetônicas da Sicília e de cidades do sul da Itália, tendo assim um estilo característico. Podemos ver esta influência pelos diversos tipos de colunas que encontramos no *macellum* de Léptis (fig 23-28).



Figura 22 - Capitel toscano em calcário no mercado

Fonte: Bianchi (2005, p. 191)



Figura 23 - Elemento complexo em arenito do mercado

Fonte: Bianchi (2005, p. 191)



Figura 24 - Capitel jônico em arenito do tholos do sul.

Fonte: Bianchi (2005, p. 192)

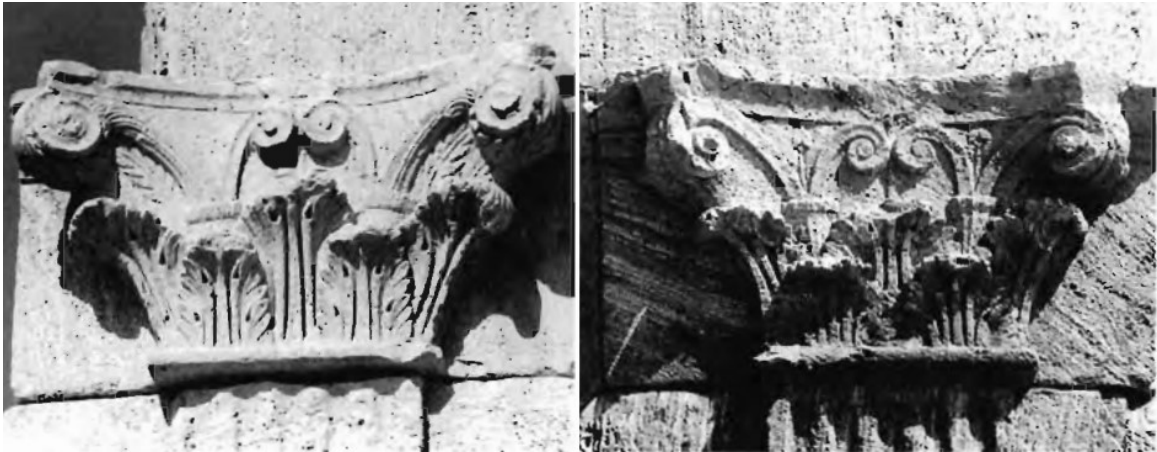


Figura 25 - Pilastras coríntias de calcário do tholos do norte

Fonte: Bianchi (2005, p. 211)



Figura 26 - Capítel coríntio de coluna calcária

Fonte: Bianchi (2005, p. 212)



Figura 27- Pilastra jônica em calcário da entrada sul

Fonte: Bianchi (2005, p. 213)

Deve-se, portanto, ter um olhar crítico para estes edifícios e inscrições como uma forma de representatividade cultural de um momento em que há uma influência romana sobre Léptis Magna, na qual a elite local pretende ter uma dignitas romana perante o império romano. Ao mesmo tempo, esta mesma elite pretende manter um vínculo de presença na memória do povo de Léptis através, tanto das inscrições bilíngues como da manutenção da localidade dos edifícios públicos já existentes com a herança púnica de seus antigos governantes.

4 RELAÇÃO DE CONTATO ENTRE AS CULTURAS

A idéia deste capítulo é trazer luz à discussão sobre a noção de romanização a partir do exemplo específico do mercado de Léptis Magna, ou seja, a partir de um exemplo observado no contexto da cultura material. Para tanto será utilizado o termo *Imperium*³⁰, mostrando a evolução do conceito e sua associação com a arquitetura e a epigrafia de Léptis Magna no contexto de um contato cultural. Nesse sentido, serão discutidos pontos específicos que podem ser considerados soluções locais de resistência da cultura nativa e até mesmo desenvolvimento de elementos híbridos.

Segundo Norma Musco Mendes e Regina Bustamante (2005) nos informam no artigo *A experiência imperialista romana: teorias e práticas*, o termo “império” deriva da palavra *Imperium*, sendo seu sentido básico ligado às idéias de soberania e comando (p. 18). Salústio, nas *Catalinarias* (10.1) trata ao se referir a Cartago como “êmulos do império dos romanos”, já Tácito, nas *Histórias* (I.16) cita o controle romano como “imenso corpo imperial”. Com o desenvolvimento do termo, parte da historiografia apropriou-se dele para justificar as narrativas sobre a dominação. Conforme tratado no primeiro capítulo, foi criada uma categoria analítica que se generalizou (o conceito de romanização) e, posteriormente, uma tendência de observar a diversidade, a pluralidade e a singularidade dos eventos culturais em determinados locais. Léptis Magna é o ponto onde verificamos a busca desta pluralidade.

Segundo Mendes e Bustamante (2005), a construção da estrutura de governo imperial é algo complexo e se baseia em cinco características:

1. Existência de um sistema administrativo para explorar a diversidade, seja econômica, política, religiosa ou étnica;
2. Estabelecimento de um sistema de transporte destinado a servir ao centro imperial militar e economicamente;
3. Criação de um sofisticado sistema de comunicação, que permita administrar diretamente do centro todas as áreas submetidas;

³⁰ Termo retirado de MENDES, Norma Musco; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **A Experiência Imperialista Romana: Teorias e Práticas**. Tempo, Rio de Janeiro, nº 18, 2005.

4. Manutenção do monopólio de força dentro do território imperial e sua projeção frente às regiões externas;
5. Construção de um 'projeto imperial' que impõe certa unidade através do império.

Iremos focalizar principalmente na construção do projeto imperial, que, conforme capítulo anterior, será implementado através da tentativa de conversão da elite local à língua latina e também no projeto arquitetônico da cidade de Léptis Magna.

4.1 Epigrafia

Para a análise das inscrições, Andreas Lagaard (2008) em, *Era Carthage and Lepcis Magna a comparative study of the Romanization and the Libyphoenician survival of the two leading cities of Africa Proconsularis* concluiu que a escrita neo-púnica estava mais em voga em Léptis Magna que propriamente em Cartago, havendo, em Léptis, a cada duas inscrições latinas, uma inscrição neo-púnica; enquanto, em Cartago, havia uma proporção de doze inscrições latinas para apenas uma neo-púnica (p.44).

Segundo Schnugg (2017), o que chegou até hoje é muito pouco, pois a maioria das inscrições ao longo do primeiro século era feita de calcário extraído de Ras el-Hammam, um material construtivo que lembrava um pouco o travertino. Já nas primeiras décadas do segundo século, quando foi substituído, em parte pelo mármore, à medida que os primeiros edifícios foram reconstruídos ou desmontados, a pedra calcária com a qual foram construídos teve grande demanda e, por conta disso, estes blocos foram desmontados e reutilizados, fazendo com que as inscrições que chegaram até o dia de hoje sejam representadas apenas por blocos espalhados e reutilizados em edifícios posteriores (Schnugg, 2017, p.54).

Analisando as inscrições focalizadas no mercado, conforme figura 15, segundo Schnugg, a inscrição lapidar da parede exterior do mercado foi fixada num comprimento de 15 m e, portanto, pode ser facilmente visualizada por qualquer pessoa que deseje entrar no *maceum*. A inscrição era feita em duas linhas e apenas pelo seu tamanho todos puderam ver o significado (Schnugg, 2017, p.55).

Podemos perceber, apoiados por Andrew Wilson (2012), que, no período de Augusto, as inscrições bilíngües, neopúnicas e latinas, aparecem comemorando atos

de evergetismo na moda geralmente romana adotada dos hábitos epigráficos latinos (normalmente um registro de que alguém construiu algo e pagou com seu próprio dinheiro), mas com alguma edição para a leitura da audiência púnica local, com a omissão de titulações imperiais, e a retenção de frases honoríficas púnicas para notáveis locais (WILSON, 2012, p.312).

Embora nos informe Schnugg (2017), que mesmo Annobal Tapapius Rufus, um dos homens mais ricos da cidade e patrocinador da construção, soubesse que a inscrição, em latim, provavelmente não era entendida por grande parte da população que ingressava no mercado por falta de conhecimento da língua, visto que o púnico ainda era a língua majoritária na cidade, ele ainda anexou as inscrições tanto em púnico quanto latim. Podemos intuir que a inscrição trazia a popularidade com o povo romano em busca de cargos políticos, mas, ao mesmo tempo, ao manter a língua púnica e citar sua linhagem, mantinha uma ligação direta com os moradores locais para que estes não se sentissem estranhos no *macellum* (Schnugg 2017, p.55).

Além disso, a autora ainda apresenta nesta inscrição elementos púnicos como o cargo de *sufete*, sendo que essa era a designação dada aos governantes máximos das cidades-estado fenícias e cartaginesas na antiguidade. Segundo Andrew Wilson (2012), o texto latino simplesmente toma o termo púnico *sufes* e torna o título púnico como o menos específico “*praefectus sacrum*”. Nesta fase inicial, tais inscrições podem ter trocas de códigos ou empréstimos de títulos cívicos púnicos (*sufes*). Mas, ao mesmo tempo, os títulos latinos (*imperator*, *cônsul*) são calqueados em púnico (WILSON, 2012, p.277).

Seguindo esta visão, podemos ver, na Figura 29, uma inscrição latina do *macellum* de Léptis encontrada no pórtico sudoeste, que, mesmo não sendo bilíngue, mantém o termo *sufete* e demonstra o apoio à cidade e a doação desta estátua a suas custas como forma de evergetismo e, ao mesmo tempo, uma ligação com a população (figura 29).



Figura 28 - Inscrição latina com termos púnicos

Fonte: Inscriptions of Roman Tripolitania.³¹

Tradução para o português:

“Caius Marcius Dento, flamen (sacerdote) de Augusto, sufete, flamen perpétuo (sacerdote) montou às suas próprias custas a estátua que lhe foi decretada publicamente por causa de seus méritos.”³²

³¹ Disponível em < <http://inslib.kcl.ac.uk/irt2009/IRT600.html>>. Acesso em 08 de fev. 2021.

³² “Caius Marcius Dento, flamen (priest) of Augustus, sufete, perpetual flamen (priest) set up at his own expense the statue decreed to him publicly on account of his merits”. Leitura feita a partir da versão inglesa, texto em latim disponível em < <http://inslib.kcl.ac.uk/irt2009/IRT600.html>> Acesso em 08 de fev. 2021.

Além disso, podemos localizar, também no mercado, outra inscrição latina com uma linha em neo-púnico, na qual, em vez de o latim tomar emprestado os termos púnicos, é a informação em púnico que utiliza termos latinos na inscrição (fig. 30)



Figura 29 - Inscrição bilíngue com termo do latim na inscrição púnica

Fonte: Wilson (2012, p. 293)

Tradução para o português:

“Sagrado para Augusto Netuno

Caius Sossius [. . .]

nus quattuoruir [. . .]

pode configurar isso às suas próprias custas.”

“edil, quattuoruir [. . .] por conta própria

Despesa.”³³

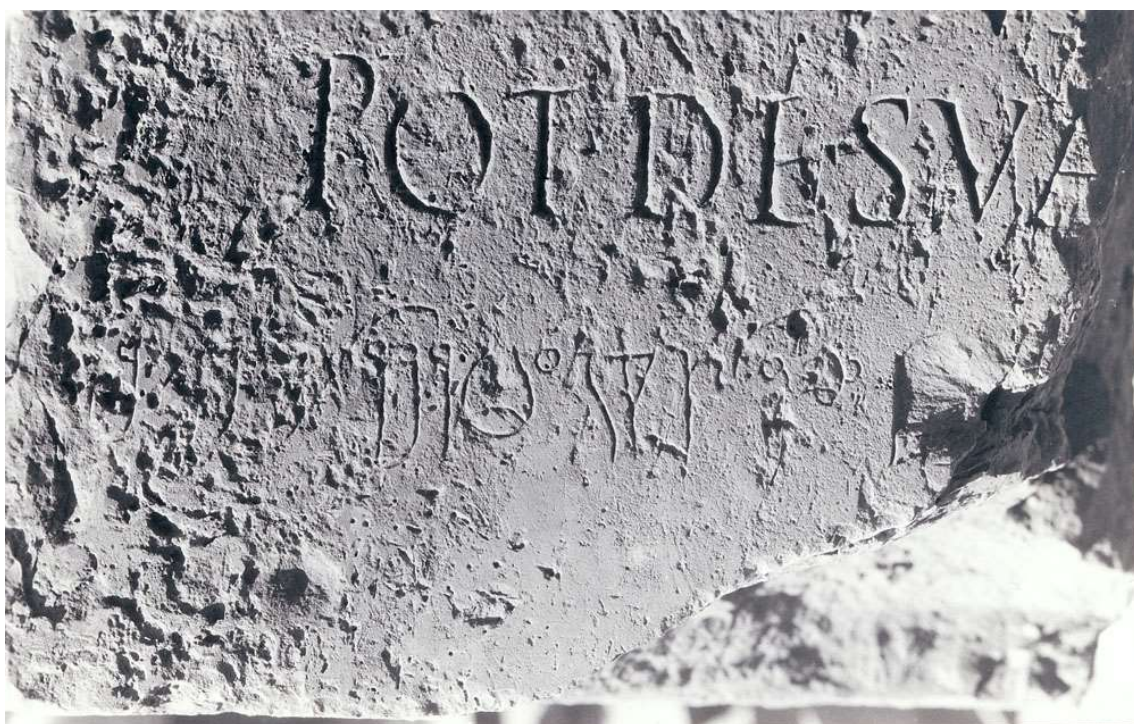


Figura 30 - detalhe da inscrição anterior (figura 30) com texto púnico em destaque

Fonte: *Inscriptions of Roman Tripolitania*³⁴

Ambas as inscrições, portanto, sugerem representações de conceitos expressos na outra língua, mas, segundo Wilson (2012), isso não se trata de um caso direto da prioridade de uma língua sobre outra e, sim, de que conceitos ou expressões no jargão latino e púnico que não podem ser traduzidas, muito menos adequados à formatação da nomenclatura de outra língua. E as fórmulas epigráficas determinam o formato do texto, mas títulos e denominações púnicas ou mesmo latinas também precisam ser expressados. Ou seja, através dessa possibilidade de troca de termos

³³ “*Sacred to August Neptune Caius Sossius [. . .] nus quattuoruir [. . .] power set this up at his own expense aedile, quattuoruir [. . .] at his own expense*”. Leitura feita a partir da versão inglesa, texto em latim e púnico disponível em Wilson (2012, p. 293).

³⁴ Disponível em: < <http://inslib.kcl.ac.uk/irt2009/IRT305.html> > Acesso em 08 de fev. 2021.

entre as línguas, podemos perceber uma interação fluida entre as culturas púnicas e latinas (WILSON, 2012, p.274-275).

Wilson (2012) demonstra que diversas inscrições encontradas em outras localidades, como a situada próxima ao porto (fig. 32), apresentam o texto latino lapidado na pedra em maior destaque que o texto em púnico. Isso é uma fase de troca entre as duas línguas, embora o latim tenha sido dominante em termos de exibição visual (na parte externa dos edifícios; em letras maiores; colocação primeiro em inscrições bilingues). Mas, conforme nos informa Benabou (1973), o púnico se manteve como língua franca do povo comum e o tempo fez com que a elite, ou sub-elite, que era capaz de encomendar inscrições caras, se tornasse mais propensa a ser influenciada pelos romanos. Isso impactava diretamente na diminuição das inscrições, algo que as fontes clássicas corroboram e que limita seriamente o número de inscrições púnicas que chegam até os dias de hoje (WILSON, 2012, p.290; BENABOU, 1973, p. 471-472).

Wilson (2012, p.315) corrobora as informações de Benabou afirmando que as evidências em Apuleio, a História Augusta, Santo Agostinho e a sobrevivência tardia do latino-púnico apontam consistentemente para o uso continuado do púnico falado séculos depois de ter deixado de ser usado para epigrafia monumental. Wilson (2012 p.314) nos demonstra que a Tripolitânia comportou-se de maneira um pouco diferente do resto do Magreb em seu hábito epigráfico púnico. Segundo o autor, esta região exibe um maior uso do epigrafia monumental púnica, mas o uso do púnico nas inscrições cessa mais cedo. No entanto, foi esta região sozinha que desenvolveu o Latino-Púnico, aparentemente como resultado do declínio da alfabetização na escrita púnica, mas continuou o uso da língua pelo menos até o século 5 d.C (WILSON, 2012, p.315).



Figura 31 - Inscrição Fragmentada com a inscrição latina maior que a inscrição púnica.

Fonte: Wilson (2012, p. 292)

Tradução para português:

[.] m, o construtor, que ofereceu (?) o pódio (?) para este templo
na ilha de Lyd³⁵ [. . .]

[. . .] H MLKT DRYDS, descendente de Hanno, que pertence ao
povo [de Lepcis].³⁶

Benabou (1973) demonstra que, neste contexto de varias línguas, a extensão dos textos não é proporcional à extensão da fala sendo que, a população que faz o uso do púnico pode nunca ter tido a necessidade e nem condições de fazer estelas,

³⁵ Andrew Wilson (2012, p.291) sugere que 'Lyd [. . .] era o nome de uma das ilhotas na foz do Wadi Lebda, mais tarde incorporada às obras do porto romano de Léptis Magna.

³⁶ "Has had set up 'RSM, son of B'L ~ SLK, ~ the builder, at his own expense completely, this sundial." Leitura feita a partir da versão inglesa, texto em latim e púnico disponível em WILSON (2012, p. 292).

epitáfios ou inscrições. Logo devemos, ao interpretar estes dados, entender que deve ser levado em consideração outros fatores que não a distribuição de inscrições num mapa ou mesmo a relação de tamanhos de letras entre inscrições em líbio fenício com as inscrições em latim.

Segundo Alex Mullen (2012), em *Multiple languages, multiple identities, no mundo antigo*, o monolinguismo era um traço minoritário (Mullen, 2012, p.25). Ainda segundo o autor (2012, p.315), as evidências de Apuleio, a *História Augusta*, Santo Agostinho e a sobrevivência tardia do latino-púnico apontam consistentemente para o uso continuado do púnico falado séculos depois de ter deixado de ser usado para epigrafia monumental.

Além disso, Claude Lepelley (2016), em *Os romanos na África ou a África romanizada? Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do Norte*, indica que, com o tempo, a África vai se “romanizando” e os romanos vão se “africanizando”, evidenciando uma interação dinâmica, onde não há, a princípio, espaço para a afirmativa de submissão absoluta empreendida pelos romanos (LEPELLEY 2016, p. 433):

As três cidades da Tripolitânia eram púnicas e permaneceram assim até sua romanização espontânea. Elas eram dominadas por uma aristocracia muito rica e poderosa, que o Império não privou de seus bens nem de sua autoridade. Inscrições bilíngues, púnicas e latinas, revelam que, na época de Augusto, esses aristocratas tinham nomes púnicos, mas adotavam gradualmente antropônimos latinos. É dessa aristocracia púnica que saiu o imperador Septímio Severo. [...]. O mito da colonização romana na Tripolitânia revelava-se, portanto, sem fundamento (LEPELLEY, 2016, p. 433).

Diante do debate apresentado, analisando o conjunto de inscrições, outras fontes materiais e debate teórico apresentado por vários autores, podemos concluir que o processo de “romanização” na cidade de Léptis Magna apresentou singularidades. As informações que eram de interesse da elite local e também de Roma eram colocadas de forma mais proeminente para que houvesse o entendimento de ambos, mas, onde havia apenas o acesso local, as inscrições eram mantidas exclusivamente em púnico. Percebe-se que a linguagem em si passou neste período por uma acomodação. Em termos da questão linguística, este momento foi uma fase de troca entre as culturas na qual há uma multilinguagem em contexto não podendo ser afirmado que nenhuma das culturas se sobrepõe absolutamente à outra.

4.2 Paisagem

A construção das cidades era algo muito importante no império romano. Conforme apresentando no capítulo anterior, as cidades, ao serem construídas, eram organizadas pelas ruas centrais que as cortavam no eixo norte e sul e no eixo leste e oeste (*cardo* e *decumanus*). A partir desta delimitação, toda a cidade era construída. Estabelecia-se, inicialmente, nos cruzamentos do *cardo* e do *decumano*, o fórum e o mercado. Segundo Nadja Ferreira Santos (2014, p. 213-226), em *Arqueologia histórica e arquitetura: o patrimônio das cidades*, o império tinha como referência um plano básico de cidade, porém ele não era inflexível; além disso, as relações sociais, políticas e administrativas eram levadas em consideração ao se pensar neste plano construtivo de cidade.

Valéria Britez (2014, p.35) informa que o planejamento da cidade também era feito para satisfazer a população local; neste sentido, houve cidades que seguiram o plano urbanístico romano em muitos detalhes e outras que não se ativeram tanto a ele. Segundo a autora, em Léptis Magna, não foi implementado o plano urbanístico romano, pois, já existia um sistema urbano vigente.

Segundo Armando Cristilli (2015, p.71), o *macellum* de Léptis é uma criação espontânea, um mercado púnico, reorganizado de acordo com a influência romana.

Segundo Young (1993, p.116), a colocação do *macellum* em uma outra porção da cidade, longe do fórum, sugere que foi respeitado o desenvolvimento urbano anterior, corroborando Britez (2014) que disse que a construção do mercado conhecido foi feita sobre um antigo mercado local, uma forma de manter elementos anteriores, caros à população local, mas, ao mesmo tempo, uma forma estratégica de consolidação do evergetismo através de um modelo de *macellum*, tão grande como nenhum outro, mesmo com tantas colunas no norte da África.

Ainda segundo a autora (1993, p. 92), devido à estrutura do próprio *macellum*, com grandes mesas e grandes bacias para manter os peixes vivos, sua instalação, próxima ao fórum e ao porto, seria lógica, mas, devido ao desenvolvimento anterior da cidade, provavelmente não houve espaço para encaixá-lo próximo ao fórum.

Devido à data de construção do *macellum* (8 a.C.), entende-se que foi um dos primeiros edifícios monumentais a serem construídos em Léptis. A instalação deste no régio IV da cidade, indica que esta localização teria um sentido mais prático. Verificamos que através das proposições de Andrea Zocchi (2018, p. 54), a

importância e a localização do *macellum* mais afastada do porto, por estar mais próxima ao deserto, facilitava o acesso de berberes do deserto ao mercado, sendo que a principal estrada que levava para o deserto terminava em Léptis (figura 33). Além disso o *macellum* de Léptis estava localizado com uma de suas saídas para o cardo da cidade, que ligava as estradas que levavam para o deserto (figura 34).

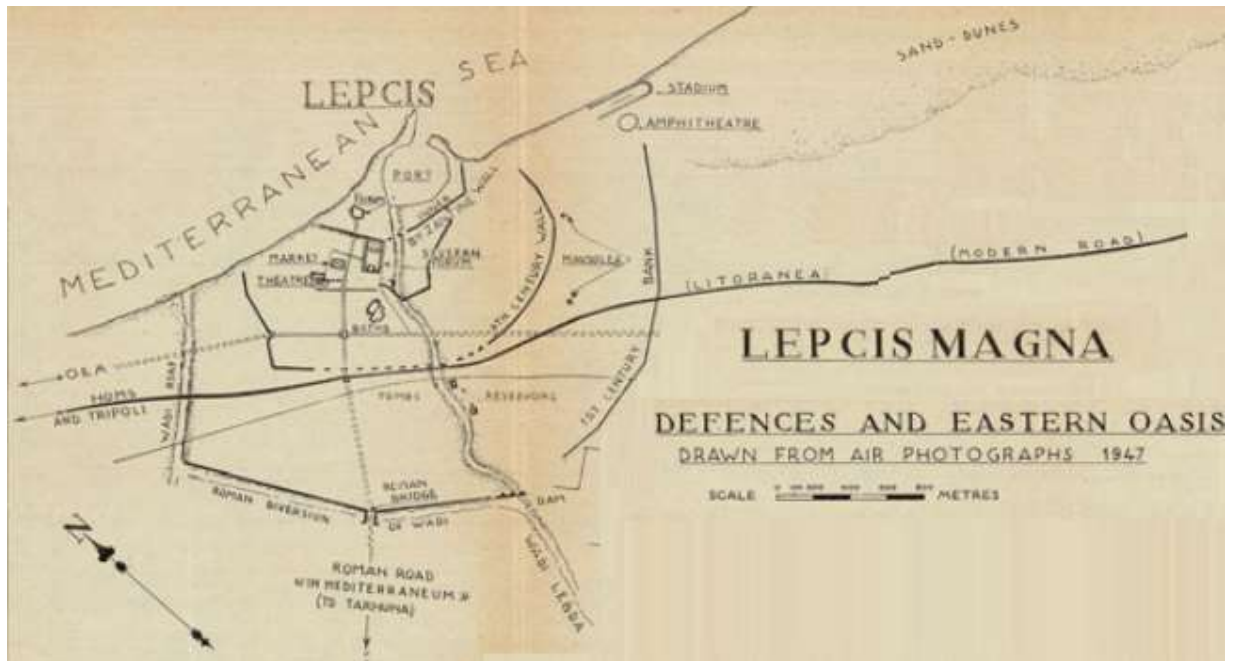


Figura 32 - mapa de Léptis e a estrada que levava para o deserto

Fonte: Zocchi (2018, p. 58)



Figura 33 - mapa da cidade com entrada para estrada do deserto

Fonte: Thex-Outdoor³⁷

Além disso, segundo Schunugg (2017), o comércio transaariano foi de enorme importância para a economia da cidade e há evidências de que os animais selvagens que abasteciam o Império Romano vinham de Léptis (SCHUNUGG, 2017, p.18).

Elizabeth Fentress (2006), em *Romanizing the berbers*, informa-nos que o processo de romanização e africanização vai muito além da língua. Podemos perceber que este processo pode ser observado tanto na localização do *macellum* como na posição que era estratégica para o comércio berbere do deserto devido às estradas que levavam para o interior. Todas essas informações nos auxiliam a entender por que a instalação do *macellum* foi tão importante para a cidade e também o porquê de manter a localização anterior. Além dos elementos da língua e da paisagem, podemos perceber, nos elementos arquitetônicos, traços tanto de africanização quanto de romanização (FENTRESS, 2006, p. 31).

³⁷ Mapa da cidade de Léptis Magna. Retirado de < <http://www.thex-outdoor.nl/albums/libie/slides/leptis%20magna.html> > Acessado em 01/04/2021.

4.3 Arquitetura

Como pontuou Fulvia Bianchi (2005), Léptis importou a mão de obra, bem como a matéria prima, de outras localidades, assim como o mármore para a construção de suas estruturas, visando a manutenção do modelo utilizado na metrópole. Dessa forma, é possível observar o movimento cultural no sentido de se alinhar ao modelo romano, sobretudo à forma de apresentação corporal e momentos eróticos, indo de encontro aos costumes morais e sociais da população púnica. Entretanto, este movimento pode, de certa forma ter encontrado resistência por parte dos locais. Segundo a autora, havia à frente da cidade até a primeira era imperial, uma classe governante que encontrava sua representatividade e expressão em um conservadorismo cultural imbuído da tradição helenística-alexandrina, emprestada da antiga metrópole, Cartago, e, após a 146 a.C., diretamente de Alexandria.

A análise do conjunto arquitetônico de pedra local do *macellum* nos mostra que há influências de diversos outros locais, criando, assim, uma mistura de modelos no mercado da cidade; modelos existentes na cidade de Léptis Magna que apresentam características de construções egípcias, gregas, fenícias, dentre outras, no mesmo edifício, além das produções dos artesões locais.

Fulvia Bianchi (2005) indica que, pelas pequenas variações nos elementos arquitetônicos das colunas como os “caules” ou mesmo os “acantos”, e, também, o uso de broca em alguns elementos, havia a presença de pedreiros com níveis técnicos diferenciados e até certa liberdade na construção dos capitéis do mercado. O capítel da ordem toscana em calcário de Ra's el Hammam (fig. 23), com um équino perfilado na gola, que coroa uma haste da coluna no canto nordeste do pórtico do mercado, apresenta o colarinho dividido em três aros. Este modelo de capitel tem uma escassez de comparações tipológicas, e apresenta inspirações dos capitéis da tradição faraônica (Bianchi, 2005, p.191).

Segundo Bianchi (2005), o achado é extremamente significativo, pois associa um *modus ornandi* da tradição oriental a um capítel com um équino, amplamente atestado no norte da África no primeiro século d.C., que pode ser o resultado de uma experimentação arquitetônica e decorativa de origem helenística. Por outro lado, também, o elemento complexo em arenito (fig. 24), visível na entrada sudoeste do mercado, é um exemplo típico desses elementos complexos amplamente utilizados pela arquitetura alexandrina (Bianchi, 2005, p.191).

Enquanto os capitéis jônicos de arenito dos pórticos *tholos* do norte (fig. 25) encaixam-se tipologicamente na esteira da tradição helenística tardia, do início da era imperial, com referências formais de gosto arcaico na renderização de alguns detalhes ornamentais. Os poucos elementos arquitetônicos em calcário, da primeira fase da cidade, parecem confirmar, com algum grau de certeza, a realização em Léptis de modelos criados em alguns canteiros de obras em Roma diretamente por trabalhadores da capital ou de outro centro africano.

Podemos ver em muitos vestígios arquitetônicos que há uma variação significativa nos capiteis dentro de um mesmo prédio público, como, por exemplo, no caso do mercado.

Contrariamente ao pressuposto dos tipos de edifícios romanos adotados desde os tempos de Augusto, a ornamentação dos edifícios foi até meados do século I. d.C., na primeira fase do desenvolvimento mencionado, foi ainda em grande parte determinado por tipos locais que fazem uso do repertório do Norte Africano de formas. Isso é particularmente evidente nos capiteis jônicos, que eram usados principalmente na área sagrada, mas também em edifícios de uso público. (BIANCHI, 2005, p. 210).

De acordo com Fulvia Bianchi (2005), os modelos ornamentais romanos começaram a ser gradualmente introduzidos com a ajuda da classe dominante leptitana, que promovia tal transformação pela vontade de se alinhar à estrutura política, social e econômica criada por Roma. De qualquer forma, a aplicação dos modelos romanos é influenciada pela tradição da cultural local, visível na persistência da medida adotada para o corte dos blocos e elementos arquitetônicos dos vários edifícios, na presença de tipos arquitetônicos da tradição alexandrina (os capitéis coríntios e os elementos complexos) e da derivação clássica (capitel típico-jônico com divisão em duas áreas sobrepostas do plano de esculturas das volutas e do equino (BIANCHI, 2005, p.210).

Ainda, segundo a autora, os modelos apresentados no *macellum* (fig. 26) seguem de acordo com os modelos da tradição Augustea e Julio-Claudiana, na qual o *macellum* teve uma renovação arquitetônica realizada no final do período Neroniano e no início do período Flaviano devido a um terremoto. No *macellum* (fig. 26), podemos verificar tanto a reutilização dos capiteis de arenito da época de Augusto quanto a atividade de diversos grupos de artesões lapidares, que formam, com isso, diversos capiteis que se diferenciam tanto pela técnica quanto forma ornamental esculpida no elemento (BIANCHI, 2005, p.211).

Neste sentido, a autora nos informa que, mesmo sendo imposta a mudança pela elite local, os trabalhadores treinados por essa elite permanecem fortemente influenciados pelas referências púnico-helenísticas e alexandrinas. Outro ponto em questão é que não há a possibilidade de afirmar que houve, de fato, uma imposição romana ao modelo arquitetônico já que o modelo arquitetônico africano é um misto de diversas influências, tanto anteriores à dominação romana quanto posteriores.

O que podemos notar, a partir dos pressupostos citados, é um processo variado de assimilação e ruptura dos modelos arquitetônicos dos invasores, sendo possível identificar influências advindas dos romanos e dos gregos na monumentalização dos edifícios, em especial, no *macellum* de Léptis como forma estratégica de consolidação do evergentismo local perante os romanos. E podemos perceber, pelas colunas, os padrões criados e replicados pelos artesãos locais, de uma miscigenação de estilos diferentes de colunas dentro de uma mesma cidade, como é Léptis Magna.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, a idéia foi a de entender por que um mercado tão grande e monumental ter existido no Norte da África. Início os estudos desta dissertação analisando um pouco mais a fundo a história da cidade de Léptis Magna. Busquei informações através da Guerra de Jugurta e, através, de pesquisadores que analisaram as relações entre o povo local e os romanos, verifiquei que mesmo que Roma tivesse conquistado Cartago em 146 a.C., a população de Léptis continuava com seus privilégios, inclusive tendo, nesta mesma guerra de Jugurta, ficado em lado oposto ao romano. Essa situação me causou um estranhamento e, a partir dali, iniciei os estudos dessa relação entre os romanos e a população local de Léptis.

Dali em diante, as questões feitas no início deste trabalho se aprofundaram através do debate que ocorre na historiografia mais recente sobre o conceito de romanização. Foi necessário explicitar as idéias dos autores que cunharam este termo para entender que ele foi criado no contexto dos imperialismos europeus, instrumentalizando o legado romano como uma das justificativas dessa ação imperialista no âmbito do neocolonialismo. Entretanto, na segunda metade do século XX, os argumentos imperialistas foram amplamente criticados, incluindo uma revisão do conceito de romanização. Naquele contexto, o termo romanização passa a abordar temas como a resistência social e cultural dos povos nativos e a negociação com instituições do império.

Integrada à visão pós-colonialista da década de 1960, esta pesquisa foi organizada buscando entender, através do Mercado de Léptis Magna, como aspectos de uma cultura local foram influenciados e influenciaram diretamente os romanos. A manutenção da unidade do Império Romano perpassou através de valores morais e comportamentos que eram compartilhados com os povos em contato. Esses valores ganhavam efetividade quando incorporados a instituições, línguas e arquitetura, e reforçavam laços de unidade e um sentimento comum entre os povos. Mas, ao mesmo tempo que a unidade advinha destes valores, havia, também, o espaço para a cultura local. A constituição da cultura local, neste caso de Léptis Magna, esteve em formação de diversas maneiras: negociação, imposição e até manutenção da cultura.

Meu foco de pesquisa no segundo capítulo foi exatamente a análise desta formação cultural local da cidade de Léptis Magna através do Macellum. Inicialmente, estudando sua localização, em que é perceptível, através da forma que ele foi

construído, que todos os elementos apresentados demonstram a influência local dos edifícios anteriores à chegada dos romanos e diversas características diferenciadas dos mercados do norte da África.

Além de sua localização, a formação cultural lepcitana passa diretamente pelas inscrições - o conjunto epigráfico apresentado e suas variações entre o púnico e o latim e as trocas de expressões entre ambas as línguas e a manutenção da língua local até quase o século IV d.C.

Já no último ponto deste capítulo, passamos a analisar a arquitetura, através da originalidade da planta do mercado e, também, da variedade de estilos e influências apresentados nos elementos arquitetônicos.

No último capítulo, analisamos os três níveis explorados no capítulo anterior: localização do mercado de Léptis Magna, epígrafia e arquitetura. Através desta análise pudemos perceber as formas de resistência e negociação que vemos através dos vestígios materiais, um movimento de tensão-concessão entre poderes, resultando em políticas de evergetismo buscando privilégios além de riqueza desta elite perante o Império Romano e através, também, de construções de edifícios públicos, que recebem influências variadas e podem ser definidos por estilos próprios. Em todos os níveis apresentados podemos ver exemplos de resistência e negociação entre as elites locais e o império. Segundo Norma Mendes e Regina Bustamante (2005, p. 14), a constituição de cultura local demanda a capacidade de criar uma unicidade em significados que norteiem e organizem as ações da população local. A cultural local, segundo as autoras, necessita de um processo de estratégias implementadas para que as relações de negociação e resistência permitam manter unidos grupos de pessoas que, identificando-se culturalmente, se reconheçam como iguais.

Podemos afirmar que, através da localização, epígrafia e arquitetura, respectivamente, apresentados no segundo e terceiro capítulo, nos demonstram um local de concessões e negociações principalmente na busca de poder perante Roma, através, principalmente, de práticas relacionadas ao evergetismo local. E em momento algum podemos falar em imposição de cultura ou mesmo aculturação dos romanos perante a população local africana, mas, sim em uma relação de contato entre dois povos, que vai exatamente de encontro ao debate pós-colonial apresentado no primeiro capítulo.

REFERÊNCIAS

Fontes literárias:

Strabo, The Geography, Books 1-5 trad. Hamilton and Falconer, Bell Edition, 1903.

Pline l'Ancien, Livre V, Histoire Naturelle, Les Belles Letres, 1997.

Salústio. Guerra Jugurtina. (1988). Trad. Barreto Feio. São Paulo: Tecnoprint.

_____. Guerra Catalinaria. (1988). Trad. Barreto Feio. São Paulo: Tecnoprint.

Sílio Itálico, La Guerra Púnica. Trad. Joaquín Villalba Alvarez, 2005.

Cayo Cornelio Tácito, Las Historias, Wentworth Press, 2018.

Enciclopédia:

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Disponível em : <https://www.britannica.com/>.

Obras Gerais:

ALCOCK, S. E. Greece: a Landscape or resistance? *In*: MATTINGLY, D. J. (Org) **Dialogues in Roman Imperialism: Power, discourse, and discrepant experience in the Roman Empire.** Portsmouth, Rhode Island, 1997. p. 103-115.

AZNAR, Ana Torrecilla. **Los macella en la Hispania romana. Estudio arquitectónico, funcional y simbólico.** Universidad Autonoma de Madrid, 2007.

BENABOU, Marcel. **La résistance africaine à La romanisation.** Francois Maspero, Paris, 1975

BIANCHI, Fulvia. La decorazione architettonica in pietra locale a Leptis Magna tra il I e il II sec. d.C. Maestranze e modelli decorativi nell'architettura pubblica". **Archeologia Classica**, LVI, 2005.

BRITEZ, Valéria Pontes Guimarães. **Urbanismo como estratégia de romanização: análise de vestígios de teatros romanos das cidades provinciais entre os séculos III a.C. a II d.C.** Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2014.

BRUNEAU, Philippe. Sources textuelles et vestiges matériels: Réflexions sur l'interprétation archéologique. **Mélanges helléniques offerts à Georges Daux**, pp. 33-42, Editions E. De Boccard, Paris 1974.

CHAMPION, T.C. Britain in the European Iron Age. **Archaeologia Atlantica** 1: 127–45, 1975.

CHERRY David. **Frontier and Society in Roman North Africa**. New York: Clarendon Press of Oxford University Press, 1998.

CRISTILLI, Armando. Macellum and Imperium. The relationship between the Roman State and the market-building construction. **Analysis Archaeologica**, vol. I, 2015.

FENTRESS, Elizabeth. Romanizing the berbers. **Past & Present**, 190, 2006.

GAGARIN, Michael. (ed.) **The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome**. Oxford University Press, 2010.

GARRAFFONI, Renata Senna. Resenha sobre o livro de Richard Hingley, Globalizing Roman Culture: Unity, Diversity and Empire. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 441-445, 2008.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques Lei e ordem na república romana. Uma análise da obra de Legibus de Cícero. **Justiça & História**, v. 2, n. 3, p. 125-148, 2002.

GUARINELLO, N. L. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. **Politeia**, Vitória da Conquista, v.3, 2003.

_____. Apresentação, In: SILVA, G. V. e MENDES, N. M. **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro, Mauad, 2006.

_____. Ordem, Integração e Fronteiras no Imperio Romano: Um Ensaio. **Revista Mare Nostrum**. Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo (1), p.113-127, 2010.

HAMDOUNE, Christine. Les macella dans les cités de l'Afrique romaine. **Antiquités africaines**, 45, 2009.

HAVERFIELD, F. **The Romanization of Britain** – Proceedings of the British Academy, Londres:Oxford, 1965.

HINGLEY, Richard. **Globalizing Roman Culture: Unity, Diversity and Empire**. London and New York: Routledge, 2005.

HORDEN, P. & PURCELL, N. **The Corrupting Sea: A Study of Mediterranean History**. Oxford, Blackwell Publishers. 2000,

JONES, Siân. **The Archaeology of Ethnicity. Constructing identities in the past and present**. Londres, Routledge, 1997.

KREIKENBON, Detlev. Archäologischeprojekte der johannesguttenberg - universitätmainz in Lepcis Magna 2002-2007, **Libya Antigua**, V , 2010.

LAGAARD, Andreas. **Era Carthage and Lepcis Magna a comparative study of the Romanization and the Libyphoenician survival of the two leading cities of Africa Proconsularis**. Historisk Institutt, UiO, Oslo, 2008.

LEPELLEY, Claude Os romanos na África ou a África romanizada? Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do norte. **Revista Heródoto**. Unifesp. Guarulhos, n. 2016.

LIMA NETO, Belchior Monteiro. Apresentação, Romanitas. **Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 3, 2014.

LÓPEZ-RUIZ, Carolina; DOAK, Brian R. **The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean**. Oxford University Press, USA, 2019.

MATTHEWS, Kenneth D. **Cities in the Sand: Leptis Magna and Sabratha in Roman Africa**. University of Pennsylvania Press, 1957.

MATTHIAS, Bruno; BIANCHI, Fulvia. Marmi di Leptis Magna, *Studia Archaeologica* 204, Roma («L'Erma» di Bretschneider), 2015.

MATTINGLY, David. Libyans and the 'limes': culture and society in Roman Tripolitania. **Antiquités africaines**, 23, 1987 p. 72-93.

_____. Africa: a landscape of opportunity? In: MATTINGLY, D. J. (Org) **Dialogues in Roman Imperialism: Power, discourse, and discrepant experience in the Roman Empire**. Portsmouth, Rhode Island, 1997. p. 117-139.

MENDES, Norma Musco. **Sistema político do império romano do ocidente: um modelo de colapso**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Império e Romanização: "Estratégias", Dominação e Colapso. **Revista de Estudos Celtas e Germânicos** – UEMA, 7, 2007.

_____; BORGES, Airan dos Santos. **Os calendários Romanos como expressão de etnicidade**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 48/49, p. 77-99, 2008. Editora UFPR.

_____; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **A Experiência Imperialista Romana: Teorias e Práticas**. Tempo, Rio de Janeiro, nº 18, 2005.

MILLET, Martin. **The Romanization of Britain**. Cambridge University Press, Londres, 1990.

MOKHTAR, Gamal. **História Geral da África, II: África antiga**. – 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.

MOMMSEN, Theodore. **Römische Geschichte**. Berlin, 1874.

MORRIS, I. **Mediterraneanization**. In: MALKIN, I. **Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity**. Nova Iorque, Routledge, 2005.

MUGNAI, Niccolo; NIKOLAUS, Julia; RAY, Nicholas. **De Africa Romaque: Merging cultures across North Africa**. Leicester: The society for Libyan Studies. Londres, 2016.

MULLEN, Alex. **Multiple languages, multiple identities**. In : Multilingualism in the Graeco-Roman worlds, Londres: Oxford, 2012.

MUNZI, Mazzimiliano. Leptis Magna. Una città e le sue iscrizioni in época tardo romana. **Edizioni dell' università dell' studi di cassino**, 2010, p. 45 – 80.

OLIVEIRA, Antonio Celso Xavier de. **De Uruk à Villa Hadriana: contribuição ao estudo da urbanização na antiguidade – relações entre espaços de uso publico, privado, coletivo e restrito**, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ORSER JR., Charles. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

REVELL, L. **Roman Imperialism and Local Identities**. Cambridge, Cambridge University Press, 2009.

RUYT, Claire. Macellum, marché alimentaire des Romains. Louvain - la - Neuve: Institut supérieur d'archéologie et d'histoire de l'art, 1983.

SAID, Edward. **Orientalism**. Vintage; 1st Vintage Books, 1978.

SANTOS, Nadja Ferreira. **Arqueologia histórica e arquitetura: o patrimônio das cidades**. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CERQUEIRA, Fábio Vergara; NOBRE, Chimene Kuhn. Arqueologia Histórica, Memória e Patrimônio em Perspectiva Multidisciplinar. Contribuições da Arqueologia, História, Literatura, Arquitetura e Urbanismos. Pelotas: IMP, LEPAARQ/ UFPel, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/ UFPel, 2009.

SCHNUGG, Jessica. **Die Baupolitik von Leptis Magna in augusteischer und tiberischer Zeit**, GRIN Verla, Salzburg, 2017.

SILVA, Bruno dos Santos. **Estrabão e as Províncias da Gália e da Ibéria: um estudo sobre A Geografia e o Império Romano**. Universidade de São Paulo, 2013.

REDE, Marcelo - **História e cultura material**. In: Cardoso, C. F. & Vainfas, R. (eds.) - Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2012.

VEYNE, Paul. O império romano. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. **História da vida privada: do império romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 19-224.

WILSON, Andrew. **Neo-punic and latin iscription in Roman North Africa**. In: **Multilingualism in the Graeco-Roman worlds**. Cambridge University Press. 2012.

WOOLF, Greg. Romanization 2.0 and its alternatives. **Archaeological Dialogues**, v. 21(01), 2014.

YOUNG, Alexis Mary. **The roman north african macella :their chronology, typology, urban placement and patronagem.** McMaster University, 1993.

ZOCCHI, Andrea.The periphery of Lepcis Magna: new data related to the ancient road network and land partition. **The Society for Libyan Studies**, Volume 49, 2018.